

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

GABRIELA VIEIRA FRANÇA

A VOZ QUE ECOA:

**Relato de experiência de uma atriz-professora em aulas de Teatro para adultos no
Espaços das Artes em Contagem-MG.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura – Escola
de Belas Artes da Universidade Federal de Minas
Gerais, para obtenção de título de Graduado(a) em
Teatro. Orientador: Prof. Dr. Ricardo Carvalho de Figueiredo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
[ESCOLA DE BELAS ARTES]
[DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS]

FOLHA DE APROVAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

GABRIELA VIEIRA FRANÇA

Título da monografia: "A VOZ QUE ECOA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ATRIZ-PROFESSORA EM AULAS DE TEATRO PARA ADULTOS NO ESPAÇOS DAS ARTES EM CONTAGEM-MG".

Aprovado em 05/12/2022

Ricardo Carvalho de Figueiredo
Orientador – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Eneida Campos de Carvalho e Silva
Membro – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Daniela Graciere Feitoza Diniz
Membro – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Autorizo a publicação deste trabalho em meios eletrônicos, incluindo a biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte
2022



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Carvalho de Figueiredo, Professor do Magistério Superior**, em 06/12/2022, às 12:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Graciere Feitoza Diniz, Usuária Externa**, em 07/12/2022, às 13:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eneida Campos de Carvalho e Silva, Usuário Externo**, em 12/12/2022, às 21:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1943294** e o código CRC **00DDDDA8**.

Referência: Processo nº 23072.271258/2022-64 SEI nº 1943294

Belo Horizonte 2022

Dedico este trabalho a todes os apaixonados pelo Teatro, pela educação e por “GENTE”. A todes os/as/es artistas-professores que compartilham essa paixão com o outro, na intenção de ver GENTE BRILHANDO. Seguimos com coragem, RESISTÊNCIA e afeto em busca de dignidade na nossa profissão. EVOÉ!

AGRADECIMENTOS

Como canta Maria Bethânia, “eu não ando só”.

Neste sentido quero registrar meus profundos agradecimentos a Deus que é meu papai do céu, que guia meus caminhos e me ilumina. Maria, minha mãezinha do céu que me protege com seu manto sagrado e me dá forças para lutar, aos anjos, santos, orixás que cuidam de mim.

As pessoas incríveis que caminham comigo, que me potencializam e incentivam os meus sonhos.

A Maria de Lourdes, minha mamãe, meu grande amor, minha vida, minha rainha que me deu a vida e lutou para que eu pudesse seguir meus sonhos. Sou extremamente grata por tudo, pretinha !

Ao meu papai, Washington Luiz Pereira França, que me criou para ser artista, que foi meu primeiro herói, meu primeiro diretor e meu eterno amigo.

A minha irmã Camila e meu irmão João Pedro, meus primeiros parceiros de cena, de brincadeira e de vida. Sem eles eu não seria nada.

A minha vovó Neia, meu vovô soquito, pelo amor e carinho. A minha vovó Marieta, que mora no céu junto com meu vovô. Sou grata a minha Família Vieira e França, por exatamente tudo. Eu sou por que eles foram.

A *Incompetente Companhia de Teatro*, por todo amor em forma de Teatro.

As minhas irmãs de alma, Malu Dimas, Rafa Calu, Sara Vá Moreira, Tayna Dimas por não me deixarem desistir, por acreditarem em mim, por estarem ao meu lado, pelos puxões de orelha e por serem minha família. Sem elas eu não quero caminhar.

As OTB meu bonde favorito, que viu nascer a Gabi Atriz.

Agradeço de todo o meu coração ao meu professor e orientador Ricardo Figueiredo, por ter dito sim na época que ninguém disse, por ser um professor que admiro e pela educação afetuosa que media com maestria.

Sou grata por todos os professores afetuosos que encontrei pelo caminho, grata ao Valores de Minas e a Universidade Federal de Minas Gerais.

Agradeço a turma de Teatro de 2019 do Espaço das Artes que foram o corpo e coração desta pesquisa, meus alunos e alunas queridos amo vocês para sempre.

Por fim, agradeço a todos os estudantes que passaram pela minha trajetória, cada um faz parte da construção de quem sou.

RESUMO

Nesta monografia é proposta uma reflexão crítica sobre a experiência de uma atriz-professora ao ministrar aulas de teatro para uma turma de adultos na cidade de Contagem/MG. A experiência resultou em um espetáculo teatral criado pelos estudantes, onde a cena final aconteceu dentro do Cine Teatro Tony Vieira, teatro que está fechado e abandonado pelo poder público por não estar em condições de uso. Para fazer ecoar a sua voz, a autora dialoga com bell hooks, Luana Tolentino, Paulo Freire, Beatriz Cabral e Augusto Boal, a fim de refletir como o ensino-aprendizagem em teatro pode transformar toda uma comunidade e fazer acender o debate público sobre a importância da preservação de espaços culturais para fomentar a arte e a cultura.

Palavras-chave: Pedagogia do Teatro. Ensino de teatro. Contagem. 4

SUMÁRIO

Introdução	p.06
“Gabriela, você é muito dramática, deveria fazer teatro.”	p.07
Tirar os sapatos	p.16
Sendo atravessada pelo caminho	p.24
Nosso olhar se desloca para a cidade (Contagem) que nos une	p.29
Nós, manifestamos!	p.36
Nascemos!	p.50
Referências	p.57

Introdução

Neste Trabalho de Conclusão de Curso parto de minha trajetória artística, aproximando de uma abordagem (auto)biográfica para entender como fui me constituindo enquanto artista-docente. Para isso, retomo à minha época escolar, ainda no Ensino Médio e a minha entrada no Programa Valores de Minas, onde pude ter acesso ao ensino de teatro especializado e “voar” para além das referências de vida e artística, até então conhecidas por mim.

É interessante ressaltar que a experiência como aluna-atriz no Valores de Minas oportunizaram com que eu experimentasse diversos processos criativos em teatro e conhecesse, também, algumas abordagens de ensino para jovens.

Após a entrada na graduação em Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais, ao cursar a licenciatura, tive acesso como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que me proporcionou uma formação pedagógica atenta ao ensino de teatro no espaço escolar. As trocas estabelecidas no PIBID, seja com a coordenação, com os demais colegas bolsistas e com a supervisora (professora da escola em que o programa atuava), me auxiliaram na minha constituição enquanto professora, fortalecendo desde aquele momento o meu interesse pela docência, sem perder de vista a chama artística necessária ao fazer teatral.

Ainda na graduação, me candidatei a um processo seletivo simplificado na prefeitura de Contagem/MG, cidade onde nasci e resido, e ao encontrar uma turma de jovens e adultos sedentos pelo conhecimento teatral, além das aulas curriculares do projeto, elaboramos um espetáculo.

Várias questões emergiram com esse processo de criação e além de nos conhecermos de forma mais aproximada, (re)descobrimos o Cine Teatro Tony Vieira que estava abandonado e foi motivo de grande interesse pensar a apresentação do espetáculo dentro daquele espaço físico. Entendo aqui que a professora de teatro e artista despertou e foi despertada pelo coletivo para a importância política daquele espaço cultural, desativado por falta de manutenção.

Advém dessa trajetória a elaboração deste TCC que agora trago a público uma reflexão sobre essa experiência que transformou a todas/todos/todes que participaram.

“Gabriela, você é muito dramática, deveria fazer teatro.”

Quando era criança adorava brincar de ser uma grande *popstar*, passava horas do dia cantando para meus ursinhos de pelúcia. Qualquer oportunidade que tivesse contava para todo mundo que quando crescesse seria cantora, iria morar no Rio de Janeiro e viveria viajando o mundo sendo artista.

Sou a filha caçula, tenho uma irmã mais velha e um irmão do meio. Nós três passamos a infância dividindo as brincadeiras, lembro que nosso quintal se transformava em diversas coisas como: campo de futebol, palco, avião, estúdio de novela, palácio e nas festas de família ele se transformava em um grande palco onde apresentávamos as peças de teatro que criávamos com nossas primas.

Meu pai, desde muito novinha, percebendo minha habilidade para falar em público me colocava para recitar poemas nas festas de família e até ganhava uns trocados com isso. Ao rememorar minha infância consigo observar que desde muito cedo brincava de ser artista, aos poucos estas brincadeiras foram virando sonho de gente grande.

Quando estava no primeiro ano do ensino médio me recordo de uma conversa que tive com minha mãe que me incentivou a transformar a brincadeira de infância em um desejo real. Encontrava-me em um período de crise existencial sobre qual caminho seguiria, a pressão para escolher um curso era grande e minha mãe, com pouca paciência para isso tudo disse: “Gabriela, você é muito dramática, deveria fazer teatro.”

Nunca tinha ouvido falar em teatro antes, mas já conseguia me imaginar sendo uma grande atriz de novela e pensava que esta arte poderia me ajudar a realizar o meu sonho de ser uma *popstar*. Comecei então a pesquisar cursos gratuitos de teatro em Contagem, a cidade que resido, e não encontrei nada. Então comecei a buscar por cursos em Belo Horizonte, foi quando descobri o Valores de Minas, uma instituição governamental que oferecia curso de diversas linguagens artísticas com o objetivo de promover arte e cidadania.

Para além de oferecer o curso de teatro de forma gratuita o Valores de Minas disponibiliza o vale transporte e a alimentação. Esse auxílio foi de suma importância para que minha mãe me deixasse estudar teatro no contra turno escolar, pois estávamos passando por um momento de dificuldade financeira, meus pais tinham acabado de se separar e minha mãe ficou cuidando de nós sozinha.

Na mesma época que descobri o curso estava tentando um processo seletivo para ser menor aprendiz do supermercado BH. O Valores de Minas era super concorrido, oferecia 500 (quinhentas) vagas e o número de inscrições passava de 2000 (dois mil). Quando passei na primeira etapa, o gerente do supermercado me ligou marcando uma data para eu ir assinar o contrato, pois o serviço começava de imediato. Neste momento fiquei entre o dinheiro para ajudar em casa e o sonho de ser atriz.

Mamãe observando todo aquele drama de uma forma muito sensível e generosa me chamou para conversar e disse “pode ir estudar teatro minha filha, nós nos viramos com as contas, Deus nunca deixou faltar”. Naquele momento senti que ela abria meus caminhos e me abençoava. Desde então nunca mais parei de estudar teatro e hoje estou me formando no curso de licenciatura em Teatro pela Universidade federal de Minas Gerais (UFMG).

O programa Valores de Minas foi pensado a partir de uma política social, com investimentos de parceria público-privada, tendo em vista que apenas estudantes da rede pública de ensino e baixa renda podiam se matricular.

A pesquisadora Júlia Camargos de Paula, em sua dissertação de mestrado intitulada “Teatro que fica” (2020) relata que o plano pedagógico do Valores de Minas era pautada na interação entre arte, educação e cidadania. Segundo a autora:

De maneira geral, as diretrizes teóricas da instituição pontuavam a relevância do processo de conscientização dos sujeitos sobre a realidade em que estão inseridos, localizando-os em um processo educativo emancipatório que procurava valorizar a sua cultura e seus saberes prévios e, metodologicamente, elegia alternativas que consideram a experiência como forma principal do desenvolvimento do conhecimento, pautando-a em diferentes procedimentos: apreciar arte, fazer arte e contextualizar historicamente e socialmente a arte . (PAULA, 2020, p.57)

Diante a efetivação desse plano pedagógico, tive, assim como diversos jovens, a oportunidade de conhecer pessoas diferentes da minha realidade e durante o processo me apaixonei com as aulas de teatro, pois lá minha corporeidade não era julgada e sim potencializada. Logo, comecei a me conhecer melhor, a frequentar espetáculos de teatro, assembleias estudantis, comecei a

exercer um pensamento crítico sobre minha relação com a cidade, expondo minhas opiniões e aprendendo a escutar.

Esses aprendizados advindos de um processo sociocultural acontecem pois, segundo Viganó,

Ao se desenvolver a consciência estética, aliada ao julgamento crítico, ganha-se uma maneira especial de se ver o mundo, que passa pelos sentidos, pela imaginação e pela capacidade de se criar novas alternativas e possibilidades de existência. (VIGANÓ, 2005, p. 28)

Ou seja, por meio de uma vivência teatral, aprendi muito mais do que técnicas para a atuação, pude experimentar uma educação artística plural ao mesmo tempo que incentivava conhecimentos acerca do autoconhecimento.

Desde muito nova alisava meu cabelo para ser aceita e desejada, nunca fui a garota popular da escola, sempre fui aquela menina engraadinha, fazia todo mundo rir e no final ficava sozinha. Fui crescendo com diversos traumas e autoestima baixa, odiava meu corpo e meu cabelo, tinha vergonha da minha mãe por ela ser negra e não compreendia diversas opressões que passava por ser fruto de um casamento interracial.

Chamava a escova progressiva de “Deus”, pois quando estava com o cabelo liso as pessoas conversavam comigo e quando não estava era excluída, diante de tantas opressões fui me embranquecendo para tentar ser aceita e acolhida.

Nilma Lino Gomes, no seu livro *Sem perder a raiz: cabelo e corpo como símbolo da identidade negra*, afirma que “o cabelo crespo figura como um importante símbolo da presença africana e negra na ancestralidade e na genealogia de quem o possui” (2009, p.02) e explica que a discriminação acontece:

mesmo que a cor de pele seja mais clara ou mesmo branca, a textura crespa do cabelo, em um país miscigenado e racista, é sempre vista como um estigma negativo da mistura racial, e por conseguinte, é colocado em um lugar de inferioridades dentro das escalas corpóreas e estéticas construídas pelo racismo ambíguo brasileiro.” (GOMES, 2009, p.02)

Isso explica o fato de desde os sete anos de idade me submeter a processos químicos de alisamento capilar, entretanto, minha relação com o meu cabelo e minha identidade começou a mudar quando ingressei no Valores. Lá tive diversas referências de meninas pretas e pardas assumindo os seus cabelos crespos e cacheados de uma forma tão linda e livre. Ao ver essas meninas, percebi que poderia assumir minhas raízes também.

Certo dia teria um evento de banho de mangueira no Valores e eu tinha comentando que não iria participar, até que um professor muito afetuoso me chamou para conversar. Ele de uma forma muito horizontal me incentivou a assumir meus cachos, disse que todo mundo sabia que meu cabelo não era liso e que, com certeza, os meus cabelos naturais valorizavam quem eu era de verdade. Naquele dia me permiti ser feliz tomando banho de mangueira e não liguei em deixar meu cabelo livre, foi a partir desse dia que iniciei minha transição capilar.

No Valores tive o espaço para descobrir quem é a Gabi, fui construindo minha noção de política, pois todas as questões que ocorriam lá eram discutidas em assembleia, aprendia a resolver os problemas em roda e em coletivo e tive, portanto, a oportunidade de exercitar a democracia de diversas formas. Lidei com pessoas que eram diferentes de mim, tive um ambiente seguro para compreender minha sexualidade sem preconceitos e julgamentos.

Entre tantas coisas que o teatro me proporcionou aprender, uma delas foi que existem outras realidades diferentes da minha, outras personalidades e que tenho que ter respeito por todas. Lá as pautas LGBTQIAP+ tinham grande importância no ensino e foi tema de diversas cenas criadas pelos estudantes. No mesmo momento que assumia meus cachos, assumia minha orientação sexual, lá não tive medo de me posicionar enquanto bissexual.

Hoje, ao analisar criticamente o programa Valores de Minas, compreendo que seu projeto educacional exercia uma pedagogia engajada e transgressora, esse tipo de ensino “valoriza a expressão do aluno” (hooks, 2017, p.34), potencializando as individualidades por meio da diversidade cultural.

Neste sentido apaixonei pelo teatro e por toda a liberdade que tinha em aprender naquele espaço. Em meio a tantas descobertas decidi escolher o teatro como profissão e no ano de 2017 ingressei na graduação em Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais, desejava aprofundar na linguagem teatral

almejando ser uma grande atriz, ter uma companhia de teatro e sair viajando por aí, gostava das aulas práticas e vibrava toda vez que conhecia algo novo. Na UFMG ingressei na modalidade bacharelado, entretanto, conforme os períodos foram passando fui compreendendo que precisava de uma estabilidade, e por conta da profissão de atriz ser tão desvalorizada comecei a ficar com medo do meu futuro. No terceiro período por curiosidade fiz uma disciplina da licenciatura nomeada “Teorias do ensino do teatro”, ministrada pelo professor Ricardo Figueiredo e foi onde meus olhos se abriram para a docência e comecei a desejar este lugar.

Durante minha trajetória na graduação tive contato com alguns professores que com suas metodologias de ensino retórica e eurocêntrica me desanimaram e quase me fizeram desistir da profissão. Com eles fui aprendendo qual professora eu não queria ser. Ainda no terceiro período me recordo que um professor dizia para a turma inteira ouvir que meu corpo não dava pra fazer certo tipo de personagem, que eu era exagerada demais; outro berrava que minha atuação era falsa e que meu lugar não era ali. Foi um momento que fiquei extremamente desestabilizada, utilizo estes acontecimentos para refletir sobre a responsabilidade que carrega um professor e o dever social que temos em romper com esta educação abusiva e autoritária nas nossas práticas docentes.

Desse modo, bell hooks nos alerta que

todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais - e a sociedade- de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade (hooks, 2017, p.50)

Em meio a todo horror encontrei professores que praticam o que Hooks propõe, no qual suas didáticas e metodologias eram libertadoras, amorosas e críticas, um deles foi o professor Ricardo, da licenciatura.

Na sua disciplina aprendi a olhar para a licenciatura de outra forma e comecei a me interessar pela educação. Suas aulas eram artísticas e pedagógicas, desse modo nos mostrava que ser professora é ser artista também e vice-versa.

Depois desse primeiro contato ingressei para o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) como bolsista e mudei meu percurso curricular para licenciatura em teatro. O programa PIBID tem como filosofia a extensão entre a universidade e a comunidade escolar da educação básica, tendo como principal objetivo fomentar a experiência de estar na sala de aula desde os primeiros anos de formação acadêmica (FIGUEIREDO, 2016). Para além de observar o contexto escolar, o programa visava a realização de reuniões semanais com a equipe dos subprojetos de artes para partilhar os acontecimentos ocorridos nas escolas.

Neste projeto tive o primeiro convívio com a sala de aula, a primeira experiência em ter que arrumar as mesas e cadeiras para ministrar aulas de teatro, primeiro contato com a criação de planejamentos de aula, reuniões escolares, avaliações de turma e discussões acerca da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Plano Político Pedagógico (PPP), enfim, tudo o que envolvia o mundo escolar.

O ser professora se aprende com a teoria, mas se efetiva na prática e desde o início da graduação vivenciei a sala de aula graças ao PIBID e ao programa Residência Pedagógica (RP), no qual também fui bolsista. Foi nestes projetos que tive o conhecimento do que é ser professora.(FIGUEIREDO, 2016).

Em vista disso, estes programas são de suma importância para a formação de um bom profissional, como afirma Figueiredo,

Ao bolsista de graduação é permitida uma formação mais completa em que é assegurada a tutela do professor da educação básica e do professor universitário, tornando o processo de formação docente mais dinâmico com uma imersão do licenciando em seu futuro local de trabalho, diferente dos estágios curriculares.(FIGUEIREDO, 2016, p 60)

Em paralelo às descobertas que estava vivenciando na licenciatura, integrava o grupo “*Pink Block*” que se denominava como um movimento de guerrilha rosa, que utilizava do mascaramento cênico para fazer intervenções políticas na cidade, “baseado em uma estética revolucionária de produção artística” (DIMAS, 2022, p. 18). Haja vista que estar atuante em um grupo artístico potencializou a minha formação enquanto professora-artista, pois ao meu ver estas duas linguagens caminham juntos.

A coletiva “*Pink Block*” foi criada em 2017 por um grupo de estudantes da graduação em Teatro da UFMG e em 2018 fui convidada para participar. Dentro do grupo discutimos e criávamos performances acerca das temáticas sobre a cidade de Belo Horizonte, suas políticas culturais, inquietações sobre pertencimento, raça, gênero, consciência de classe e as pautas LGBTQIAP+.

A partir dessas discussões comecei a sentir a necessidade de PERTENCER e falar sobre a minha cidade, sentia falta de conhecer os artistas locais e de ter na plateia minhas amigas do ensino médio, desejava que meus vizinhos experimentasse o fazer e a fruição teatral, pois sabiam o quão transformador é esta linguagem artística.

Sou moradora de Contagem e toda a minha formação teatral até então tinha sido em Belo Horizonte, porém sempre questioneei o fato de ter que atravessar a cidade para estudar e assistir peças de teatro na metrópole, achava um absurdo o valor do transporte público intermunicipal e a falta de acesso.

Diante desses incômodos comecei a me perguntar onde estavam os teatros da minha cidade, os artistas, os cursos e como os recursos para a cultura local eram repassados. Ou seja, fui desenvolvendo uma consciência política e senti a necessidade de voltar para o “ninho” e conhecer a história de onde cresci, brinquei e desenvolvi minhas relações interpessoal. Foi quando tentei o Processo Seletivo (PSS) para ser professora de teatro em um projeto vinculado à prefeitura da cidade e passei.

Neste projeto atuei em duas regionais, no Espaço das Artes, localizado na regional sede com duas turmas, uma de criança e outra de adultos, e no Parque das Amendoeiras localizado na regional Nacional com uma turma de adolescentes.

Tendo em vista toda minha trajetória artística e docente em formação, pretendo neste trabalho de conclusão de curso discorrer sobre as experiências artístico-educacionais desenvolvidas no Espaço das Artes, fazendo um recorte para a turma de adultos do curso de iniciação teatral, no qual nossos encontros aconteciam uma vez por semana com uma hora de duração a princípio. A partir do desejo de proporcionar uma fruição teatral com essa turma, me reconheci enquanto professora-artista, voltei a me sentir pertencente a minha cidade e juntas(os) aprendemos a importância do ensino-aprendizado em teatro.

Diante disso, irei relatar nossas trocas artísticas, os tensionamentos vivenciados entre nós a partir das pedagogias teatrais, o desenvolvimento das

ementas curriculares da licenciatura em teatro dentro de sala de aula tendo como mediadora uma professora em formação e a descoberta de atores/cidadãos engajados politicamente com as questões que envolvem sua identidades culturais e a cidade das Abóboras.

Figura 1: Registro da primeira vez que subi no palco com minha turma de teatro do Valores de Minas em 2015, neste ano apresentamos o espetáculo “Nós sobre nós”.



Fonte: (Arquivo pessoal)

Figura 2: Registro do evento “banho de mangueira” no Valores de Minas em 2015, neste dia iniciei minha transição capilar.



Fonte: (Arquivo pessoal)

Figura 3: Em 2018, quando estava no terceiro período da graduação em Teatro,

cortei a parte do meu cabelo que estava com alisamento químico e assumi meus cachos após 4 anos de transição capilar.



Fonte: (Arquivo pessoal)

Tirar os sapatos

Neste tópico, descrevo como foi assumir pela primeira vez uma turma de teatro enquanto artista-professora no Espaço das artes na cidade de Contagem no ano de 2019 e as afetações que as(os) estudantes adultos tiveram tendo contato com o ensino-aprendizado em teatro.

O Espaço das artes fica localizado no centro da cidade, com isso o projeto atendia moradoras e moradores de todas as regionais, sendo totalmente gratuito e ofertado pela Prefeitura de Contagem, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Juventude. Ressalto que fui contratada por meio da mesma secretaria.

No primeiro dia de aula estava ansiosa, o coração parecia que iria sair pela boca, tinha medo das(os) estudantes não gostarem da aula, medo de que o ensino em teatro não fizesse sentido, o turbilhão de sentimentos e sensações que estava revirando meu estômago era os mesmos que sentia antes de entrar em cena enquanto atriz.

Segundos antes de pisar no palco parece que meu corpo pega fogo, tudo vibra e um desejo de entrar em cena me consome, os dinossauros da barriga acordam sedentos e naquele momento sinto que estou no lugar certo.

Quando entrei para o teatro sentia essas coisas apenas quando estava encenando, acreditava que o único lugar que faria o meu olho brilhar era sendo atriz, entretanto no dia 28 de maio de 2019, enquanto arrumava a sala de aula do Espaço das Artes para receber as(os) estudantes, senti as mesmas coisas de uma forma mais potencializa e conforme as pessoas iam chegando na sala, tirava os sapatos e se mostrava presente fui percebendo que ali acontecia o fenômeno teatral por completo e me joguei na experiência de ser professora-artista.

As aulas que ministrei foram embasadas nos meus cadernos de bordo do Valores de Minas, às vivência que tive naquela instituição sendo estudante, minha trajetória enquanto atriz e as experiências e referências adquiridas nas disciplinas da licenciatura.

Todavia, tinha uma base teórica e metodológica da academia que me dava suporte, mas neste espaço estava interessada em compartilhar as revoluções de ensino que tinha aprendido sendo estudante de um curso de iniciação teatral em um projeto de contraturno escolar.

Projetos dessa natureza são definidos como educação não formal, o conceito surgiu em 1990, ressaltando que diversas experiências formativas ocorrem em paralelo a periodicidade escolar (VON SIMSON, PARK, FERNANDES, 2001). Concomitantemente o Espaço das Artes é considerado um espaço de educação não formal, pois as oficinas acontecem no período da noite e não tem relação com a educação básica.

Tendo em vista que

A educação não-formal, por poder lidar com outra lógica espaço-temporal, por não necessitar se submeter a um currículo definido a priori (ou seja, com conteúdos, temas e habilidades a ser desenvolvidos e planejados anteriormente), por dar espaço para receber temas, assuntos, variedades que interessem ou sejam válidos para um público específico naquele determinado momento e que esteja participando de propostas, programas ou projetos nesse campo, faz com que cada trabalho e experimentação sejam únicos (VON SIMSON, PARK, FERNANDES, 2001, p.02)

Neste sentido que pensava a didática que iria propor para este espaço, haja vista tinha como referência também meus professores artistas do Valores e os professores afetuosos e críticos que encontrei na graduação. Não estava sozinha na sala de aula, minhas metodologias de ensino tem um pouquinho de cada pessoa que cruzou meu caminho.

No primeiro dia me recordo que a turma estava cheia, as(os) estudantes tinham faixa etária de 18 a 70 anos, alguns vinham direto do serviço, da faculdade, algumas mulheres eram donas de casa, tinha um casal, uma mãe e uma filha, meninas que eu já tinha encontrado em festas na cidade, homens mais velhos, enfim, uma turma bem diversa.

Eu era a professora e a mais nova da turma. No início tive receio de falar a minha idade com medo de ser desvalorizada por ser mulher e nova, logo compreendi desde o início que minha postura deveria ser diferente para ser respeitada dentro de sala de aula.

A proposta desta aula inaugural foi de apresentar o planejamento de curso, refletir sobre o que é o ensino-aprendizado em teatro, apresentar quem eu era a partir da minha trajetória artística, os motivos que me levaram à ser professora em Contagem e por fim apresentações individuais das(os) alunas(os) com o intuito de nos conhecermos para criarmos possíveis vínculos.

À medida que os estudantes entraram na sala de aula pedi para que tirassem os sapatos, por meio dessa simbologia de ficar de pés descalços, sentindo a temperatura do chão sem relação de status com o sapato, mostrando que a sala de aula teatral era diferente de uma sala de aula comum, fui provocando nos estudantes uma curiosidade e uma sensibilização acerca dessa arte, instigante neles e nelas desde o primeiro instante uma experiência estética extracotidiana.

Sobre a proposta de tirar os sapatos, diversos estudantes demonstraram insatisfação, mas conforme as explicações foram acontecendo o semblante foi mudando.

Expliquei sobre a importância deles e delas irem com roupas confortáveis, pois no primeiro momento iremos estudar a desmecanização do corpo, um conceito criado pelo teatrólogo Augusto Boal com o objetivo de “desentorpecer o corpo, alienado, mecanizado, ritualizado pelas tarefas quotidianas da sociedade capitalista” (BOAL, 1997, p 09).

Para a avaliação seria proposto um caderno do artista, no qual os estudantes iriam relatar suas experiências de forma crítica reflexiva sobre as aulas, para isso levei meus cadernos de bordos desde o Valores para que eles e elas tivessem referências de como fazer.

Este exercício de relatar as experiências teatrais é de suma importância para a efetivação do ensino-aprendizado, pois como é uma arte efêmera o conhecimento se perde em meio a correria do cotidiano, portanto ao anotar seja ela feita a partir de um relato, desenho, uma escrita poética, entre tantas outras formas a aula permanece viva e a professora consegue avaliar como as práticas está chegando para o estudante-artista.

A professora Beatriz Cabral (2011), salienta que a avaliação em teatro é significativa pois compreende “à eficácia do ensino em termos de seu planejamento e estrutura, e à comunicação em termos de emissão e recepção de informações durante todas as etapas do trabalho.” (CABRAL, 2011, p. 213)

Na dinâmica de apresentação contei para a turma minha trajetória artística desde quando brincava de ser uma *popstar* até a escolha de cursar teatro na faculdade, falei de sonhos e o motivo de ter voltado para a cidade ministrar aulas, contextualizei que morava em Contagem e que pela falta de espaços artísticos de formação na cidade saia todos os dias para estudar teatro em Belo Horizonte e que tinha algumas inquietações políticas acerca desse fato.

Esse diálogo inicial teve como objetivo enfatizar o valor sociocultural do curso que estávamos iniciando juntos e juntas.

Após a minha apresentação, propôs que os(as) estudantes fizessem o mesmo a partir de uma dinâmica, no qual eles e elas deveriam escrever em uma folha uma palavra que os definisse individualmente, por exemplo eu escrevi “sonhadora” e tinha que me apresentar explicando os motivos que escolhi tal palavra, foram instigados a responder também às seguintes perguntas “o que entendia sobre teatro?”, “se já tinha tido alguma experiência ou não” e “o por que me matriculei no curso”.

Essas perguntas no primeiro dia são importantes para aproximar e fazer uma avaliação diagnóstica da turma, construindo a partir da diversidade da turma o que faria sentido ensinar.

Dessa maneira, o primeiro passo foi desmistificar o que é o teatro. Todos, sem exceção, disseram que achavam que o teatro tinha a ver com novela, Globo, entretenimento, chorar, e o motivo deles estarem ali era para perder a timidez, entrar para uma novela, ser atriz de sucesso. Esse pensamento do senso comum acerca do que é o processo educacional em teatro só escancara como a cidade lida com esta arte, todos os(as) estudantes relataram nunca terem o que confirmou as minhas críticas que tinha sobre as políticas culturais da cidade.

Comecei a refletir e levar para a sala de aula esta inquietação “por que em uma turma formada por adultos todos nunca foram ao teatro?” (respondemos esta pergunta no último tópico.)

Esta aula foi o primeiro passo para as grandes revoluções que aconteceriam após termos nos permitido tirar os sapatos.



Figura 4: Capa do caderno de bordo criado pelos estudantes.

Fonte: (Arquivo pessoal)

Figura 5: Registro feito por um estudante sobre a primeira



aula.

Fonte: (Arquivo pessoal)

O plano pedagógico da instituição Espaço das Artes era construído por cada professor, nós tínhamos a liberdade de escolher o que iríamos ministrar de conteúdo para os estudantes. Não tinha a obrigatoriedade de seguir um currículo pré estabelecido, apenas tínhamos que apresentar o planejamento do curso conforme aquilo que julgamos necessário ensinar. Dessa maneira, pude experimentar diversas “poéticas da sala de aula” (LÍRIO, 2020, p.30) até criar a minha forma de ser professora.

Neste sentido, utilizo o que o artista-professor-pesquisador Lírio (2020), pensa sobre poética da sala de aula para refletir minha práticas docente, sendo

processos criativos e de aprendizagem entrecruzados; abordagens pedagógicas na sala de aula que gerem interação, ação, reflexão e construção de conhecimentos, saberes e fazeres; a percepção dos sujeitos desse ambiente de aprendizagem em suas múltiplas dimensões (cognitivas, emocional, sensorial, sócio-histórico-política e cultural); e, ainda, o entendimento desse lugar como espaço-tempo dialógico do fazer e do refletir. (LÍRIO, 2020, p.31)

Neste lugar de professora-artista optei utilizar o que vivencia enquanto artista no Valores de Minas para Contagem, pois pensava que como fui afetada e as aulas tinham feito sentido no meu corpo, poderia fazer sentido no outro também.

A metodologia utilizada inicialmente nas aulas foi inspirada no livro “Jogos para atores e não atores” do teatrólogo Augusto Boal, especificamente os jogos teatrais sensoriais que acusavam as emoções corporais, pois, segundo ele “o elemento mais importante do teatro é o corpo humano; é impossível fazer teatro sem o corpo humano” (BOAL, 2015, p.14).

Desenvolver essa consciência corporal nos estudantes foi o primeiro desafio, dado que, como todo trabalhador, estavam condicionados a passar mais de oito horas por dia sentados trabalhando ou estudando. Muitos chegavam no curso cansados(as) e reclamavam que tinham ficado em pé no ônibus durante todo o percurso de volta para a casa.

Este condicionamento está relacionado “a servidão moderna”, no qual a classe dominante utiliza a desigualdade social para escravizar o proletariado dentro do seu próprio trabalho, fazendo com que o mesmo viva apenas para trabalhar criando uma rotina opressora e alienante.

Logo, levar tal discussão para dentro da sala de aula, por meio dos jogos do “sentindo tudo o que se toca” de Boal, provocou uma movimentação extracotidiana na turma. Uma aluna intrigada disse “não é possível que viver seja só trabalhar”, outro falou “que louco, nunca tinha pensado sobre isso” e por fim um estudante levantou uma reflexão: “O corpo fala, né professora!?”

Boal, em toda sua trajetória com o Teatro do Oprimido, explica que esta reflexões críticas que o ator ou não ator tem após fazer teatro acontece, pois, ao encenar as opressões o cidadão está pronto para transformar a sua realidade.

Diante todo o processo de descobrimento do corpo e da voz enquanto potência criativa, fomos nos afetando e criando uma relação de respeito e intimidade necessária para a aula acontecer.

Paula (2020) afirma que esta afetação acontece pois, “o trabalho corporal no teatro pode abarcar ao mesmo tempo uma destruição de antigas percepções e uma reintegração de potencialidades do sujeito”. Completo a reflexão de como essas potencialidades são aprendidas em um trabalho corporal coletivo.

Dessa maneira, para o desenvolvimento do senso de coletividade, necessário para fazer teatro, utilizei exercícios que propunham a construção de um ambiente

seguro, como a meditação, o teatro ritual, jogos de confiança onde podíamos errar, se jogar no chão, chorar, rir e dialogar. .

Um desses jogos de confiança foi o “João Bobo”, que consiste em cair de olho fechado no braço de outra pessoa, quando propus ele a turma ficou apreensiva e ansiosa, conforme a dinâmica foi acontecendo algumas pessoas se emocionaram e ao final da aula relataram que nunca tinham vivenciado tal experiência, que era difícil confiar no outro, que sentiam medo, vergonha, mas que estavam dispostos e felizes em conhecer esse universo novo que era as aulas de teatro.

Figura 6: Jogo “O corpo fala”.



Fonte: (Arquivo pessoal)

Figura 7: Aula de teatro no pátio do Espaço das artes.



Fonte: (Arquivo pessoal)

Sendo atravessada pelo caminho

Neste capítulo narro como o encontro teatral entre uma atriz-professora e um agrupamento de pessoas plurais que desejavam e tinham curiosidade em fazer teatro transformou a trajetória de ambos.

Ao final das aulas sempre era proposto uma roda de conversa para avaliarmos nosso encontro. Esta avaliação é de suma importância para o ensino-aprendizado em teatro e para a construção de uma pedagogia da autonomia, pois ao avaliarmos a experiência juntos compreendemos o porquê de tal exercício, para que serve, se fez sentido ou não, haja vista que a identidade da turma também é desenvolvida nesses momentos.

Confesso que no início dessa prática a roda ficava em profundo silêncio, um silêncio ensurdecedor e se alguém se posicionasse era apenas para falar “a aula foi legal”, “gostei”, “divertido”, mas não tinha a formulação de um pensamento crítico sobre a experiência teatral. Desse modo notei que precisava ampliar o léxico de conceitos teatrais, valorizando a área de conhecimento como múltipla, utilizando uma didática no qual a teoria deveria andar junto com a prática, para assim termos um aprendizado crítico.

A cada encontro fui aprendendo que a construção do professorado acontece cotidianamente entre as relações que se cria com os(as) estudantes, espaço, experiência e docente. O segundo ponto que aprendi é que precisamos escutar verdadeiramente as demandas da turma, escutar verdadeiramente os indivíduos que compõem o coletivo, tendo em vista que é um exercício difícil, pois ainda em algumas escolas a abordagem utilizada é da educação bancária¹, da reprodução e da figura do professor como o único que detém o saber.

Abrir mão dessa abordagem é transgredir a normalidade como propõe Bell Hooks,

visto que esse exercício transforma a sala de aula num espaço onde a experiência é valorizada, não negada nem considerada sem significado, os alunos parecem menos tendentes a fazer do relato da experiência um lugar onde competem pela voz. (HOOKS, 2017, p.60)

¹ O conceito “Educação bancária” foi criado pelo patrono da educação brasileira, Paulo Freire, para conceituar uma educação que visa apenas o professor como detentor de todo saber dentro da sala de aula, compreendendo o educando como passivo na relação de aprendizado.

Dessa forma, somente promovendo um diálogo sem hierarquias, no qual todas as vozes são importantes para o aprendizado, conseguimos mudar nossas práticas, pensando em um projeto educacional que tenha como objetivo a descolonização dos saberes e emancipação das(os) corpos de uma forma efetiva e plural.

Essa é a educação que acredito, pois na minha trajetória formativa sendo estudante/atriz encontrei diversos professores que me ensinaram a como não ser. Escutei de professores da universidade que meu corpo era expansivo e exagerado demais para fazer tal personagem, que minha voz era infantil, que minha forma de atuar era falsa, dentre diversas outras falas absurdas que ao longo dos períodos na faculdade foram me desmotivando.

Ao ingressar no Espaço das Artes para ser professora de teatro dentro de um projeto social me deparei com pessoas sedentas por afeto, carentes e com traumas de baixa autoestima, ansiedade e timidez desenvolvidos por uma sociedade opressora. E de imediato me vi naquelas pessoas, tínhamos questões que nos aproximavam, os traumas durante a formação era uma delas e o desejo de fazer teatro também.

À vista disso, quando propunha um exercício de criação, de voz, improviso, sabia que ao mediar a experiência não podia diminuir suas capacidades e nem fazer comparações negativas entre eles(as), pois quando fui diminuída em vez de evoluir, paralisei.

Desse modo, vivenciamos uma pedagogia que fazia sentido tanto para a professora como para os(as) estudantes, ressignificando o lugar do erro e acerto, exaltando as pequenas conquistas como, por exemplo, arriscarem a apresentarem uma cena, potencializando assim a autoestima de todos e todas que estavam envolvidos no processo artístico, pois quando avaliavam a aula dizendo que tinha sido transformador e me elogiavam, mal eles(as) sabiam que estava reconstruindo minha autoestima naquele espaço também.

Juntos e juntas estávamos sendo afetados por um projeto educacional horizontal. Isso não quer dizer que meu status enquanto professora era igual ao dos estudantes, claro que não, bancar a posição de docente foi necessária para que o ensino de teatro fosse valorizado e não tratado como qualquer coisa ou lazer. Sempre deixei explícito que é uma área de conhecimento, tal qual matemática,

medicina etc.; o contraponto é que não faz sentido a experiência mediada ser esvaziada das subjetividades de cada um que compõe a turma.

Diante disso, a “criação de poética” (LÍRIO,2020) precisava ser flexível e engajado com as questões que os(as) estudantes trouxessem, e em muitos encontros chegava com uma proposta de aula definida, mas as pessoas e o próprio exercício nos levava para outro lugar. Diversas vezes precisei deixar o meu ego para trás aprendendo a escutar e desapegar, pois o que importava eram as afetações teatrais que o aqui agora nos proporciona.

Admito que não foi fácil aprender a escutar um grupo de mais de vinte pessoas. Por vezes a posição de autoridade aparecia e parecia mais fácil “passar o conteúdo” e ir embora para casa, entretanto, a minha própria formação enquanto estudante de teatro tanto no Valores de Minas, como na UFMG não me permitia isso, pois, vivenciei a sua potência transformadora e desejava que outros sujeitos vivenciasse também.

Neste sentido, estou em diálogo com Viganó, (2005) quando a pesquisadora reflete que

ao assumir uma proposta de educação radical e crítica, que se baseie em um processo de construção do próprio saber pela experiência, pelo questionamento da realidade, pelo despertar da capacidade criativa e da consciência de que somos indivíduos aptos a escolher e a interferir na realidade, compreende-se que a ação sociocultural caminha lado a lado com uma proposta de transformação. (VIGANÓ, 2005, p 56.)

Dessa forma, assumir uma proposta que transforma é estar em conexão com o que o meu primeiro professor de teatro, Marcelo Dias, falava e praticava que no teatro podíamos fazer tudo, menos qualquer coisa e ao longo do curso da licenciatura em teatro e nas experiências que tive dentro de sala de aula, notei que isso se aplica ao ensino.

Portanto ao tirar os sapatos, nos permitir caminhar pelo espaço descalços, descobrindo nossos corpos, nossa voz, desmecanizando nossos movimentos, compreendendo que o corpo fala, nos jogando nos braços dos outros de olhos fechados, nos arriscando ao erro, encenando nossas realidades, conversa sobre as experiência, fomos atravessados pelo caminho.



Teatro.

Fonte:

(Arquivo pessoal)

Figura 8: Registro feito por uma estudante no caderno de bordo sobre o primeiro mês vivenciando as aulas de teatro.



Fonte: (Arquivo pessoal)

Nosso olhar se desloca para a cidade (Contagem) que nos une

Neste ponto da história faço uma reflexão crítica sobre o que me provocou enquanto atriz-professora-pesquisadora tornar as “poéticas de sala de aula” experienciada por nós (atriz-professora e educando) moradores de Contagem em pesquisa.

Contagem é a terceira maior cidade de Minas Gerais. O território surgiu durante o período de colonização do Brasil no século XVII, nesta época a coroa portuguesa começou explorar Minas Gerais na busca por ouro. Tendo em vista que a cidade foi construída pelas pessoas negras escravizadas para ser um dos postos de “contagem” das riquezas exploradas e desde então foi sendo desenvolvida a partir dessa herança escravagista.

É necessário fazer esta introdução, pois não se tem registros sobre a verdadeira forma que a cidade foi construída, esta análise descolonizada rompe com tudo que nós moradores fomos ensinados a acreditar, pois conversando com qualquer pessoa na rua ou na pracinha vão dizer que a cidade foi desenvolvida pelas famílias colonialistas e que isto foi ótimo para o crescimento da região, narrando através de uma perspectiva romantizada e negligenciada da história. Lembrando que essa herança escravagista se perpetua até hoje no mercado de trabalho, na cultura e na política local.

A cidade é conhecida popularmente como dormitória, das indústrias, polarizada e dinamizada pela metrópole, do busão lotado, da tarifa altíssima, da Avenida João César, da igreja matriz e da histórica greve dos operários em 1968 após o golpe militar.

Quando se fala em cultura local a cidade é reconhecida por ter artistas gigantes, que tem como método de trabalho a produção independente, pois as políticas públicas culturais da cidade possuem um histórico de banalização, descaso e negligenciamento para com os cidadãos.

Logo, esse abandono reverbera nas(os) contagenses de diversas formas, tanto na urgência de criar uma estética artística própria que ocupa os espaços públicos, tensionando as políticas, como no esquecimento das identidades socioculturais dos moradores.

Igualmente sou moradora, nasci e fui criada em Contagem, brinquei de ser atriz nas praças, ruas e bares, sendo que os espaços públicos fazem parte da

minha infância, presente e futuro. Durante minha trajetória artística quando estudava em Belo Horizonte, comecei a me incomodar com o longo trajeto que fazia para ir estudar Teatro, sentia falta das minhas amigas e familiares assistindo minhas apresentações e começou a surgir a vontade de conhecer os artistas locais.

Estas inquietações também foram aflorando a partir das discussões que estavam em voga na cena teatral contemporânea sobre território, identidade cultural e questões sociais. As criações artísticas estavam sendo pautadas nas temáticas identitárias, foi quando me vi perdida, não sabia o que queria dizer, não sabia como dizer, em qual pauta me encaixava.

Tais conflitos me fizeram notar que tinham algumas pautas que sempre andaram comigo. Na faculdade, por exemplo, questionava a dificuldade que é sair de Contagem e ir para Belo Horizonte estudar. A tarifa de ônibus é alta, o transporte precarizado e ainda há o tempo que é gasto só de locomoção. Eu falava que não conhecia a cultura local da cidade que morava, mas não por falta de pesquisa e sim por questões de apagamento promovido pelas políticas culturais da cidade, foi quando comecei a sentir a necessidade de pertencer e de voltar para o “ninho”.

Desse modo, reafirmo que foi uma escolha política lecionar teatro em Contagem, tinha algumas perguntas engajadas com todo este contexto que trouxe até então para a discussão, que ansiava responder.

- 1) A que ponto a cidade interfere na construção social e cultural do estudante de teatro?
- 2) De que modo o cidadão contagense se relaciona (ou não) com as produções artísticas locais?
- 3) Como é fazer teatro em uma cidade sem espaços teatrais?

Partindo desses pressupostos o objetivo das minhas aulas foi propor essas inquietações para as(os) estudantes, sempre atenta se fazia sentido ou não. Ao longo dos encontros outras demandas foram surgindo a partir do que as(os) educando traziam, tal qual a promoção e valorização dos artistas locais, a valorização do teatro como área de conhecimento, o aprendizado crítico sobre os direitos enquanto cidadãos de uma cidade.

Nesse sentido, a pesquisadora teatral Ingrid Dormien Koudela (2011), salienta que, “os conteúdos de arte buscam acolher a diversidade do repertório cultural que o aluno traz para a escola e trabalhar os produtos da comunidade em que a escola está inserida” (KOUDELA, 2011, p. 233)

Dessa forma, o projeto educacional do curso foi sendo realizado a partir dos desejos de todas(os), colocando como protagonista as pessoas, as políticas públicas culturais e a relação com a cidade.

No meio do processo propus um trabalho cênico para a turma, no qual os grupos teriam que pesquisar quais elementos compõem o fazer teatral, seu contexto histórico e contemporâneo, e por fim teriam que contextualizar a pesquisa com os modos operantes da cidade de Contagem, como se faz aqui.

Dessa maneira, cada grupo de trabalho (GT) escolheu uma linguagem específica para pesquisar como, por exemplo, dramaturgia, atuação, figurino, iluminação, dentre outros e tinham que responder três perguntas norteadoras, sendo elas:

- 1) O que é o elemento teatral escolhido? Exemplo, se escolheu dramaturgia, pesquisar e explicar o que é a dramaturgia;
- 2) Pesquisar sua história e como está sendo estudada na contemporaneidade; 3) Como as e os artistas contagenses utilizam tal elemento nas suas propostas cênicas?

A finalidade da atividade era aproximar as(os) atores-educandos com a estética artística do município, despertar o desejo de conhecer as e os artistas locais e valorizar os grupos teatrais que vem resistindo com suas produções na cidade durante anos.

Esta atividade foi inspirada no capítulo “Professora, quando eu crescer, quero ser Carolina Maria de Jesus!” do livro “Outra educação é possível. Feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula” da professora mestre Luana Tolentino (2018).

Li o livro da professora Luana Tolentino, quando estava confusa e perdida em relação as minhas propostas educacionais, não queria ser uma professora que apenas reproduzia o que tinha aprendido na universidade, queria ser uma professora que criasse propostas engajadas com as questões sócio-culturais e Luana no seu livro, muito inspirada em Paulo Freire, relata a importância de propor atividades em que as(os) estudantes sejam engajados a exercer sua autonomia de pesquisa e criação. Com essas inspirações vindo de educadores que admiro, me arrisquei a ser essa professora e me surpreendi positivamente com o resultado do trabalho.

Ao longo do processo de pesquisa, os grupos evidenciaram a dificuldade em dialogar a pesquisa com os artistas locais, pois não estavam conseguindo encontrar os mesmos. A dificuldade nos levou a discussões profundas sobre apagamentos culturais, a história da cidade, como nossa identidade cultural era frágil e incentivou os estudantes a questionarem as políticas culturais de Contagem. Ao meu ver este momento foi crucial para promover um senso de pertencimento coletivo sobre a cidade em que moramos.

Em meio às pesquisas, as e os estudantes encontraram o “Grupo Trama de teatro”² que atua há mais de vinte anos na cidade. Me recordo que quando elas e eles contaram sobre a descoberta foi como se tivessem encontrado ouro, foi transformador ver o entusiasmo, a vontade de saber mais e os olhos brilhando por terem achado uma referência teatral contagense.

Um aluno empolgado disse: “Professora, precisamos ir encontrar este grupo, precisamos criar pontes”. Por conexão do destino (assim acredito) o Grupo Trama estava com o espetáculo “Saci” em cartaz em Belo Horizonte. Logo percebi que era uma ótima oportunidade das e dos educandos irem ao teatro pela primeira vez e ainda por cima conversar com o grupo para potencializar os trabalhos cênicos.

A ideia de ir ao teatro foi embasada na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2008) que propõe desenvolver o ensino em artes a partir de um processo pedagógico integrador, no qual o fazer artístico, a fruição e a contextualização são trabalhadas para potencializar a complexidade artística, dialogando com os contextos socioculturais.

Dessa forma, a turma aprovou a ideia e fomos ao Teatro! Admito que estava nervosa, pois iria assistir o grupo Trama pela primeira vez junto com a galera. Já conhecia o trabalho da companhia por meio de pesquisas e sonhava um dia fazer parte enquanto atriz, salientando que o grupo Trama é referência em teatro de grupo em Minas Gerais.

Quando chegamos no teatro fomos recebidos pela produção do grupo e a euforia era tanta que as(os) estudantes começaram a conversar com todo mundo que passava por eles e elas. Ao final da peça, depois de sermos atravessados pela temática, atuação e cenografia, os e as alunos(as) perguntaram se o ator Carlos

² Grupo teatral fundado em 1998, sediado em Contagem (MG) desde 2011 e em 2018 foi nomeado ponto de cultura. É um grupo fundamental para o fomento dos artistas locais, para conhecer sobre seus projetos é só adicionar na rede social instagram com a id @tramadeteatro.

Henrique, que interpretava o personagem “Saci”, poderia trocar uma ideia, Carlos, muito generoso, topou o convite e então foi entrevistado pelos(as) jovens atores. Eles e elas perguntaram sobre o grupo, o porquê da sede ser em Contagem, contaram dos aprendizados que estavam tendo no curso livre de teatro e outras tantas dúvidas e curiosidades.

A ida ao teatro foi uma experiência importante para todos nós, as(os) estudantes conseguiram obter material de pesquisa, vivenciaram uma fruição artística pela primeira vez e começaram a desenvolver repertório de criação teatral. E para a minha formação enquanto atriz-professora foi fundamental, pois tive a oportunidade de conhecer o Grupo Trama e falar sobre meus projetos e a pesquisa que estava desenvolvendo na cidade com as(os) estudantes.

Convém reafirmar que a mediação de uma experiência estética, dialógica, crítica e sensível é revolucionária, haja vista que,

A experiência estética é, portanto, dialógica em sua natureza; seu diálogo parece ocorrer em diferentes níveis: entre observador e observado, entre afeto e cognição, entre sujeito e objeto. Esse diálogo responde às razões dadas para se perceber ou sentir uma ação de determinada maneira. (CABRAL, 2012, p. 22)

De tal modo, todos que estão envolvidos na experiência são afetados de alguma forma.

Com as pesquisas finalizadas chegou o grande dia da apresentação. Os alunos(as) estavam ansiosos e animados, tinham preparado tudo coletivamente, desde o figurino, texto, até o cenário. Foi admirável observar as(os) estudantes em cena, aquela timidez que relataram no início do curso não assombra mais. Em contrapartida na apresentação vi corpos presentes, envolvidos com a atuação e com a temática que estavam abordando.

No trabalho sobre o elemento “atuação” o grupo falou sobre a linguagem neutra que os(as) atores estavam usando na contemporaneidade para incluir todas as pessoas e citaram nomes dos e das artistas locais e seus respectivos trabalhos. Ao avaliar a atividade a turma relatou que com este grupo ampliaram seus repertórios artísticos.

No segundo grupo sobre "Dramaturgia" os estudantes propuseram um varal artístico, no qual colocaram as dramaturgias produzidas pelo Grupo Trama de teatro e encenaram a entrevista que fizeram com o ator Carlos. Na avaliação desse grupo relatei que tinha aprendido sobre Contagem e sobre o Grupo Trama a partir da pesquisa e das propostas dos(as) estudantes, sendo que o restante da turma ainda completou que se não fosse o empenho do grupo eles e elas não teriam ido ao teatro assistir uma peça.

Segundo Tolentino (2018), mesmo quando o professor ou professora tem domínio sobre a atividade proposta, é impossível saber de que maneira os e as alunos(as) irão acolher, pois cada indivíduo compreende o exercício de um jeito, tendo em vista suas vivências e construções socioculturais.

Quando propus o trabalho tive medo da turma não querer fazer pelo fato de ser um curso livre e de não conectarem com a proposta de contextualizar a pesquisa com a cidade. Porém fui surpreendida ao ver o engajamento do coletivo e o desejo de realizar o que foi solicitado.

Me recordo que ao final da aula durante a avaliação sobre os trabalhos um estudante relatou que tinha rompido com a autossabotagem para apresentar e disse também “nossa cidade está cheia de artistas legais, Contagem é foda, quem sabe um dia serei um também”. Este relato respondeu minhas inquietações do início da

pesquisa e me fez compreender o valor que é pertencer. Fui para ensinar e acabei aprendendo um tanto, seguimos!

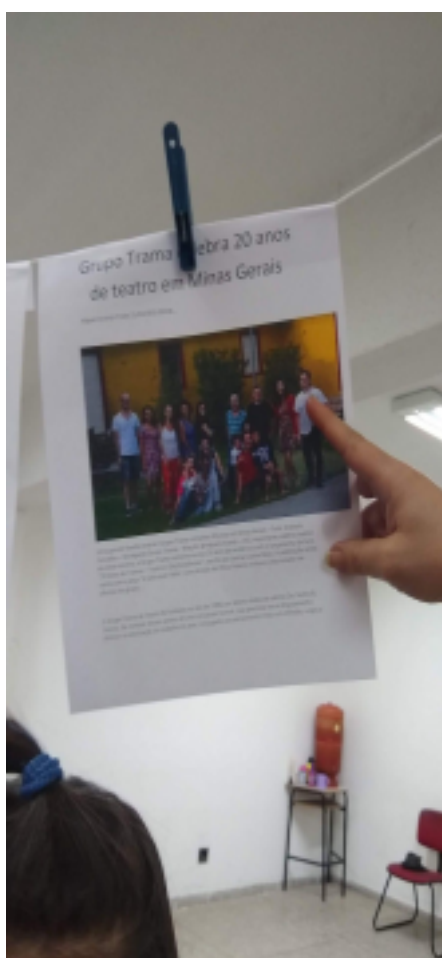


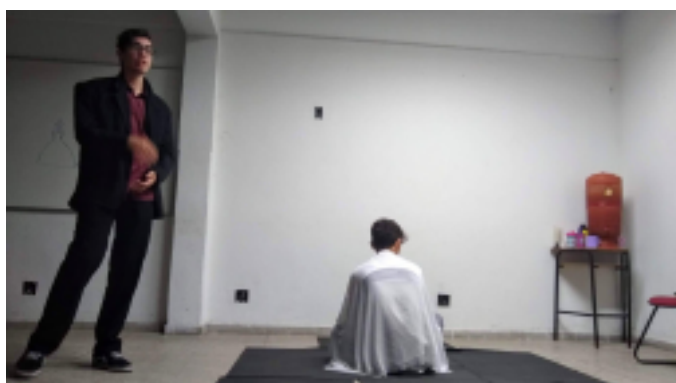
Figura 9: Varal artístico sobre a história do Grupo Trama de Teatro.



Fonte: (Arquivo pessoal)

33

Figura 10: Apresentação sobre o trabalho de “Atuação”.



Fonte: (Arquivo pessoal)

Figura 11: Na foto estou vestida com uma blusa branca abraçando minhas alunas e a filha da aluna Daiana também está na foto, pois neste dia ela foi prestigiar a apresentação da mãe.



Fonte: (Arquivo pessoal)

Nós, manifestamos!

Neste último capítulo relato o momento que os e as estudantes propuseram uma roda de conversa para falar sobre o sentido das aulas de teatro e o desejo que eles e elas tinham em montar um espetáculo teatral. Diante disso, transcrevo e reflito sobre o processo criativo e o local escolhido para a apresentação final, que foi o Cine Teatro Tony Vieira, um teatro fechado e abandonado pelo poder público.

“Professora, qual o sentido dessa aula? Queremos apresentar uma peça de teatro e subir no palco”, foi com essa indagação autêntica e sincera que finalizamos o terceiro mês do curso. Os(as) estudantes relataram que o sentido das aulas tinha se perdido e que eles(as) desejavam mais que fazer as aulas, ansiavam em ser atores, ensaiar e apresentar para toda a cidade.

No primeiro momento respondi que o fundamental nas nossas aulas era o que aprendemos durante o processo e não o resultado final, falei que não estava no planejamento montar uma encenação, por conta da carga horária do curso. que era apenas uma hora aula por semana. Me recordo que neste dia fui para casa cheia de questionamentos sobre o meu fazer, confesso que fiquei assustada com a autonomia desenvolvida pela turma e meu ego ficou machucado.

Aqui considero importante expor as fragilidades da professora, pois somos humanos, sentimos medo de fracassar, temos ego e por mais que estava ao longo de toda minha formação acadêmica e de vida rompendo com o teatro-educação autoritarista e colonizador, me vi reproduzindo este padrão e não me “crucifiquei” por isso, aprender a ser professora é um processo, é no dia a dia, é no diálogo, no respiro, na calma, na angústia, no desejo, na escuta, na compreensão do erro e do acerto e profundamente no afeto.

Pereira (2013), discorre sensivelmente sobre este processo de se formar professora,

Vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo. E, no caso de ser uma diferença, não é uma recorrência a um mesmo, a um modelo ou padrão. Por isso, a professoralidade não é, a meu ver, uma identidade: ela é uma diferença produzida no sujeito (PEREIRA, 2013, p. 35).

Haja vista, que tudo é aprendido na carreira da docência, o importante é desejar ser.

Diante do contexto estabelecido, fiquei intrigada de como o sentido tinha se perdido, realmente acreditava que o que importava para o ensino-aprendizagem em teatro era o processo e não uma peça finalizada, para além disso tinha medo de assumir a direção de um espetáculo, por nunca ter feito antes, achava que não tinha capacidade para tal.

Em meio a tantos caos resolvi compartilhar meus conflitos com outros professores em formação. Aprendi enquanto professora do Espaço das Artes que dialogar com outros licenciandos é de suma importância para nós não adoecermos durante o caminho, a docência não precisa ser solitária.

Logo, entendi que o ensino em teatro não precisa julgar valor de melhor ou pior entre o resultado e o processo, as duas formas são valiosas para o aprendizado, haja vista que o processo criativo é o momento em que os(as) atores experimentam as práticas estudadas e a apresentação final é a conclusão do processo, no qual se utiliza tudo o que foi criado com objetivo de concretizar o fazer teatral por completo, pois só é teatro quando tem a troca com o público. Portanto meu medo não podia ser maior que o desejo coletivo.

Compartilhar esta experiência é relevante para percebermos que elaborar um projeto educacional libertador é estar aberto às mudanças que podem ocorrer diariamente dentro de sala de aula. Essa educação nos convida a abrir mão de conceitos que acreditamos ser o certo, para construirmos o ensino pautado no aqui agora, onde as demandas do coletivo estejam em lugar de enunciação.

Contudo, afirmo que não é fácil, porém é libertador compreender que enquanto professores reproduzimos estruturas de poder, todavia compreendendo conseguimos transformar nossas práticas. Esta proposta emancipatória em busca da liberdade de todas, todos e todos envolvidos na ação educacional e cultural é Paulo Freire, sua radicalização por liberdade me mantém viva e propositiva, sendo que seus movimentos caminhou conosco durante todo o processo, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.”(FREIRE, 2019, p. 71)

Dessa forma, após muita escuta, resolvi me jogar de cabeça no processo criativo e confiar nos e nas atores-estudantes. Na aula seguinte fizemos uma roda de conversa, no qual disse que se era o desejo da turma apresentar uma peça de

teatro eu estava dentro, mas pontuei que iríamos entrar em um processo criativo que exigiria muita responsabilidade de todos(as).

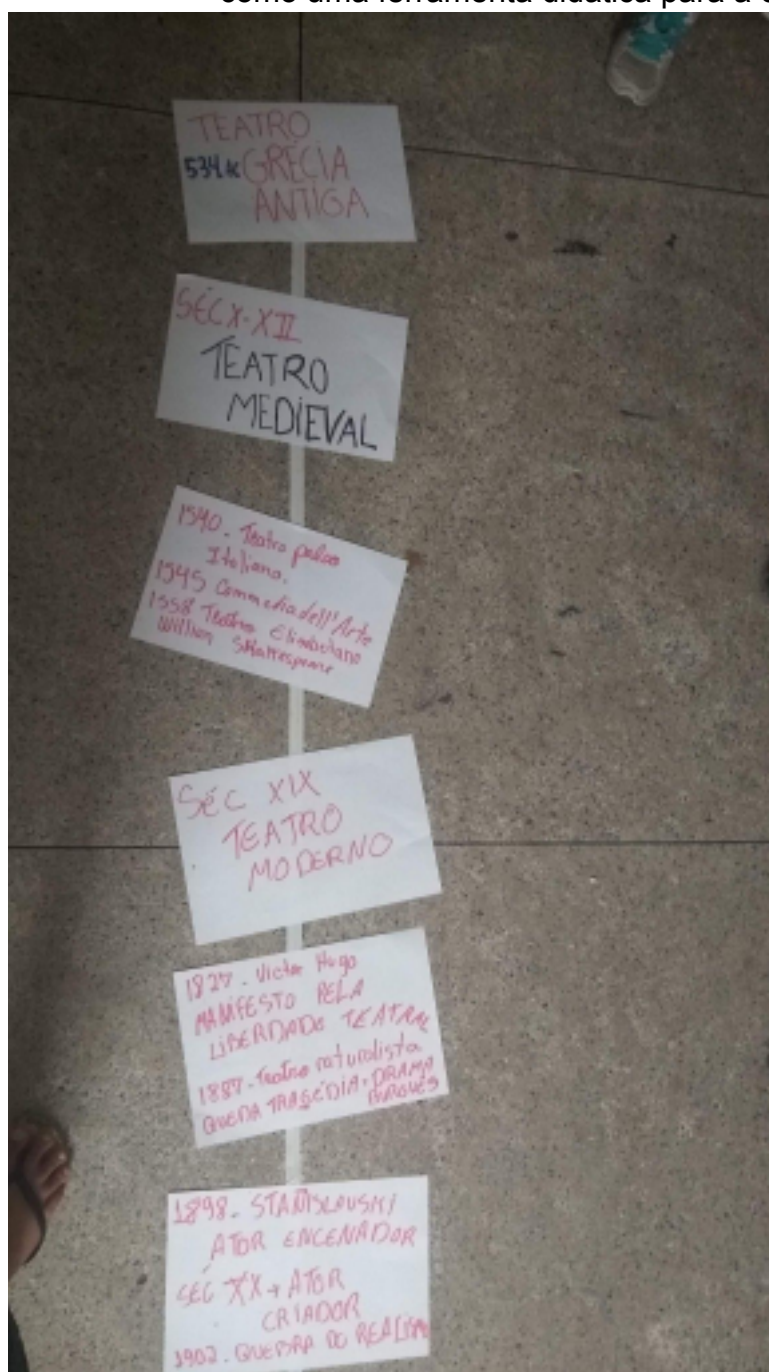
Sendo assim, a criação foi dividida em quatro etapas, que nomeie respectivamente de;

1. Pesquisa: “Conhecendo a história do teatro desde o teatro grego até o pós dramático.”
2. Criação de manifestos a partir dos motores, jogo “Teatro imagem” de Augusto Boal; apresentação do manifesto criado pela atriz-professora; resposta das perguntas “O que te incomoda? O que te afeta?”
3. Processo de criação de cenas a partir dos manifestos.
4. Ocupando e Transformando o Espaço das Artes em um grande teatro

Para realizar a primeira etapa preparei uma aula teórica/prática sobre a história do teatro desde o teatro grego até o teatro pós dramático, colocando em ênfase as diversas formas de encenação, os contextos políticos que elas surgiram e suas contribuições para a sociedade, o objetivo foi contextualizar a turma sobre as práticas que vínhamos desenvolvendo desde o início do curso, ampliar o repertório criativo dos mesmos e propor o exercício da autonomia para eles e elas escolherem o que queria montar.

Este estudo foi importante para salientar aos atores que o desejo de estar em cena precisava caminhar junto com o desejo de pesquisar, criar, buscar e vivenciar fruições teatrais, deixando em evidência que teatro não é qualquer coisa. Nesta etapa, para além da aula teórica, preparei diversos conteúdos de vídeo que mostrassem as várias formas de criação.

Figura 11- Linha do tempo sobre a história do teatro criado pela atriz-professora como uma ferramenta didática para a explicação.



Fonte: (Arquivo pessoal)

Para a segunda etapa, já que iremos criar um espetáculo, desafiei os(as) atores para que a dramaturgia fosse autoral, pois ao longo da nossa trajetória juntos notei que eles e elas traziam para a sala de aula diversas inquietações. Poderia ter sugerido uma dramaturgia pronta, porém me interessa mais escutar o que a turma desejava falar.

Dessa forma, utilizei o jogo “Teatro imagem” de Augusto Boal para descobrimos o que queríamos falar em cena, o jogo consistia em criar uma imagem corporal sobre algo que te incomodava, depois todos discutiam sobre as imagens formadas e

escreviam no quadro palavras chaves sobre as impressões que tiveram ao observar o colega, com este exercício começamos a rascunhar possíveis temas. Como diretora desejava que tivesse um pouquinho de cada um e uma no espetáculo, a voz de todos e todas deveriam compor a dramaturgia, para isso utilizei uma vivência de criação que aprendi no Valores de Minas enquanto estudante-atriz. A prática consistia na criação de manifestos individuais acerca das inquietações, afetações, histórias e desejos de cada ator, na escrita eles e elas tinham que responder as perguntas: “O que te incomoda? O que te afeta?”.

Porém, antes deles e delas fazerem o exercício expliquei o que era a escrita de um manifesto e apresentei uma cena nomeada “Eu, mulher, ansiosa e louca” que foi criada a partir desse mesmo exercício. O objetivo da minha apresentação foi proporcionar um caminho possível de construção dramatúrgica e também de reafirmar o meu lugar de atriz-professora para os(as) estudantes que sempre me perguntavam: “Professora, que dia vamos te ver em cena?”.

Logo, ao final da minha apresentação recebi uma chuva de aplausos e alguns relatos técnicos sobre a cena como por exemplo: “Agora entendi o que é projetar a voz no palco”; “olha como a professora utilizou o espaço cênico”; “quero criar um manifesto também, a partir das minhas questões”.

Diante disso, me colocar em cena, em risco, fazer a própria atividade que propus é caminhar a partir de uma pedagogia que bell hooks (2017): “Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva” (HOOKS, 2017, p.35)

hooks, continua indagando que em suas aulas ela não quer ver nenhum aluno correndo risco de algo que ela mesmo não se arriscaria, logo afirma que

Quando professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos. É produtivo, muitas vezes, que os professores sejam os primeiros a correr o risco... (HOOKS, 2017, p.35)

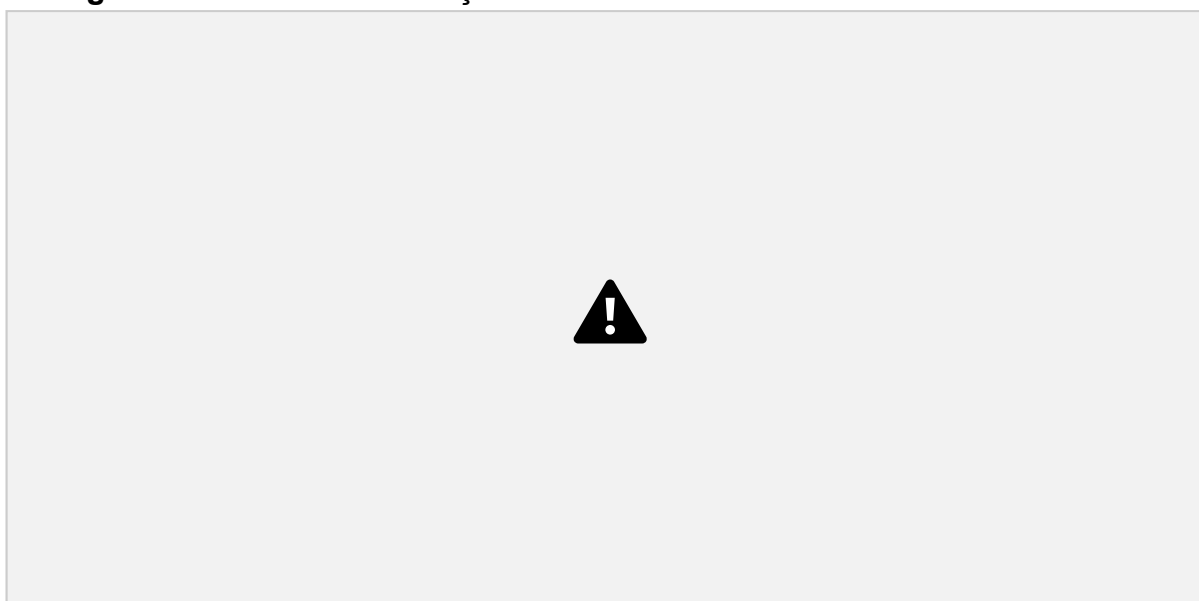
Dessa maneira, levar esta prática para a sala de aula, no qual a fruição teatral surgiu a partir do meu trabalho de atriz proporcionou nos e nas estudantes uma referência para o processo criativo fluir e uma aproximação entre diretora e ator. Diante desta aproximação, fomos construindo o espetáculo democraticamente e durante o processo quando nos sentimos perdidos, confusos ou incomodados com

algo fazíamos uma roda e em assembleia o consenso era instaurado.

Para título de referência transcrevo um dos manifestos criado pela estudante-atriz Giselle Martins que buscou colocar em cena suas questões de autoestima sobre ser uma jovem negra.

“A minha beleza é única, cada um tem uma beleza, a minha está no sorriso nos olhos e em todas as partes do início ao fim, valorizo principalmente meu jeito, a beleza não é só exterior e sim interior, o mundo pode dizer que não, mas eu digo sim, valor é a única coisa que devemos levar, somos livres pra tentar e somos livres pra dizer. A beleza e as coisas boas estão dentro de nós.”(manifesto da estudante Gissele disponibilizado pela estudante)

Figura 12: Processo de criação da cena-manifesto da estudante-atriz Gisele



Martins. Fonte: (Arquivo pessoal)

Diante das criações dos manifestos passamos para a terceira etapa do processo que consistiu na encenação, para isso utilizamos jogos de improvisação, de rítmica corporal e vocal como objetivo de tirar o texto do papel e transpor para o espaço, corpo e voz.

Dessa maneira, mediei os jogos de improvisação baseado no que que aprendi na disciplina "Improvisação corporal"³ com a Professora Doutora Mariana

³ Esta disciplina é ofertada no segundo período da graduação em teatro e quando cursei foi ofertada pela professora Doutora Mariana Muniz.

Muniz, em suas aulas experimentamos como utilizar a improvisação no processo criativo teatral.

Sendo assim, optei pela improvisação como método pois, segundo Muniz, "para esse ator-criador, o domínio da improvisação e a consciência dramatúrgica são fundamentais para que ele possa contribuir criativamente com o processo de montagem de uma obra diante do público..." (MUNIZ, 2015, p. 164.).

Logo, sob o mesmo ponto de vista, deixava que os(as) atores ficassem extremamente livres para criarem e improvisarem, meu papel como diretora se estabeleceu como o olhar crítico de fora, olhar este fundamental para potencializar a encenação.

Em dado momento da construção comecei a me preocupar com o tempo para a finalização do espetáculo, pois a carga horária do curso era menor que os sonhos dos(as) atores, pelo contrato recebia para ministrar uma hora aula por semana, pouquíssimo tempo, porém mesmo assim não queria que a apresentação fosse esvaziada da estética, pois como tínhamos entrado neste barco juntos e juntas desejava que os(as) estudantes tivessem a experiência artística completa.

Desejava que fosse algo esteticamente bem trabalhado, que o nível de atuação estivesse de acordo com os quereres dos atores, que tivéssemos iluminação, figurino, vídeo de divulgação, *flyer*, pois sabia que a completude da experiência era importante para a formação dos e das atores contagenses e a continuidade deles e delas no fazer teatral.

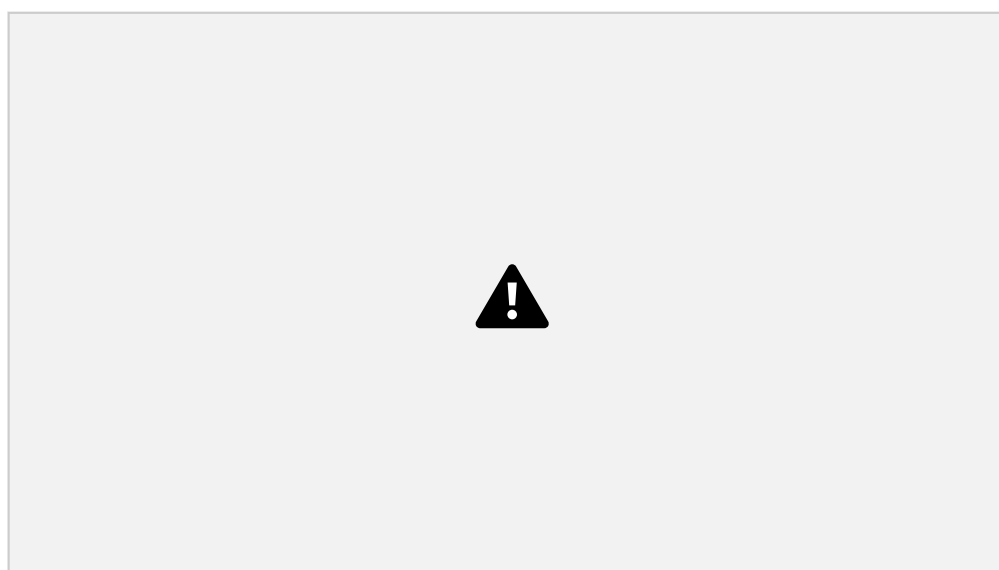
Desse modo, desenvolvemos coletivamente um cronograma de ensaios que passava da carga horária do curso, pois só assim iremos conseguir finalizar nosso espetáculo, chegávamos às 18h e saímos às 22h, aqui faço uma observação crítica que meu salário não aumentou por conta disso.

Para além dos ensaios durante a semana nos organizamos para ensaiar em alguns sábados, esses ensaios aconteciam na praça Jabuticaba e na escadaria da Igreja Matriz São Gonçalo, utilizava desse espaço não convencional para explorar as intenções vocais, jogo com os transeuntes, espacialização, relação do corpo e espaço.

Ao sair da sala de aula e ir para as praças da cidade tivemos como resultado o que Beatriz Cabral (2012) conceituou como uma "relação dialética entre a prática do espaço e os espaços representados"(CABRAL, Beatriz Ângela Vieira, 2012, p. 18). Sendo assim o espaço que inicialmente era visto apenas como lugar de ensaio

entrou para compor a dramaturgia com sua história e arquitetura, potencializando a autoestima dos(as) atores, pois por se tratar de um lugar público alguns moradores pararam para assistir, comentar e incentivar.

Figura 13: Ensaio do espetáculo na escadaria da Igreja Matriz São Gonçalo no centro da cidade de Contagem.



Fonte: (Arquivo pessoal)

Durante a criação estabelecemos um acordo de sempre ao final do ensaio avaliarmos o dia, durante uma avaliação o relato de um estudante que no início do curso ficava brincando chamou a atenção: “Gente, fazer teatro não é brincadeira não, tem que estudar muito e ter muita dedicação, agora passo os dias estudando”, neste momento constatei como era enriquecedor para o os(as) estudantes de um curso livre em teatro o processo criativo para a realização de um espetáculo, neste momento me senti realizada por ter escutado o coletivo.

Logo, o espetáculo foi nascendo de uma forma coletiva, os(as) atores começaram a demonstrar uma maturidade de criação muito potente, no qual eles(as) estavam protagonizando suas próprias histórias de uma forma engajada e conectada com o contexto da cidade.

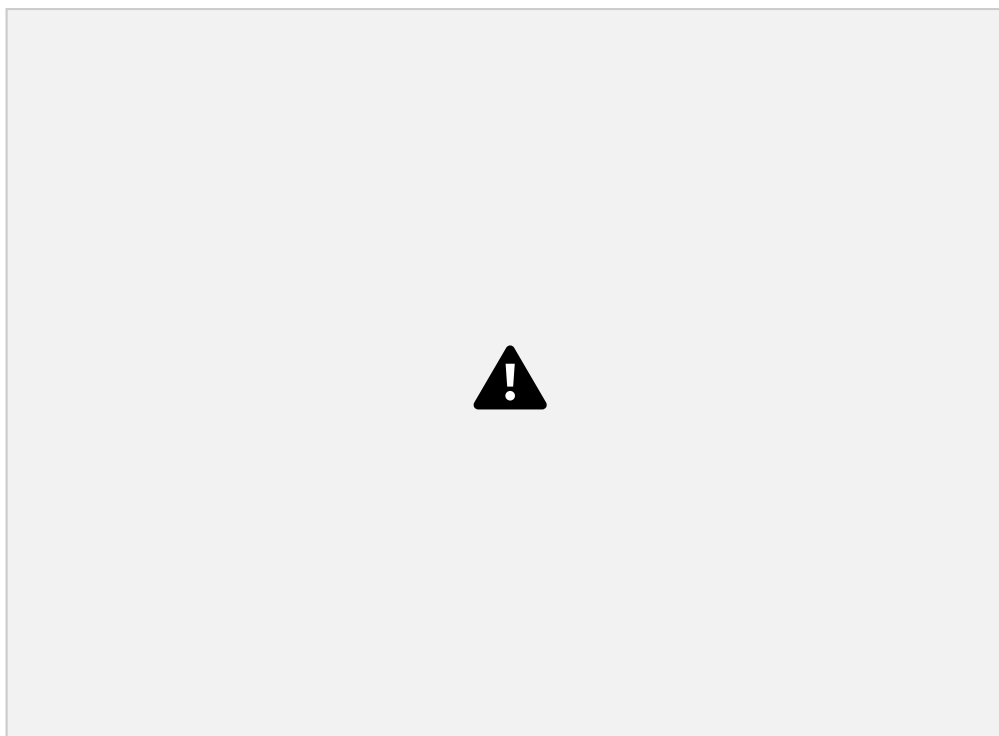
Desde o início do curso a cidade de Contagem era o que ligava as narrativas dentro de sala de aula por ser um lugar comum entre todos, a partir dos ensaios nas praças e a constatação dos espaços teatrais estarem fechados pelo descaso do

poder público resolvemos colocar estas questões como uma das pautas no espetáculo.

Pelo fato dos equipamentos culturais da cidade estarem fechados, os(as) artistas locais apresentam seus trabalhos em lugares não convencionais, ocupando as praças, becos e salas. Partindo dessa premissa do abandono os e as artistas independentes criaram o “Fórum popular de cultura”⁴tendo como objetivo desenvolver uma consciência política da classe artística contagenses, ampliando as pautas coletivas sobre arte local e possibilitando a criação de um espaço no qual poderiam se organizar coletivamente para cobrar os direitos assegurados em lei para cultura.

Para além dessas pautas, o fórum juntou-se com a sociedade civil e criou o movimento “#SalveoCineTeatro”, ação esta que exige a reconstrução do Teatro mais antigo da cidade que está abandonado e, portanto, caindo aos pedaços desde 2013.

Figura 14: Em 2019 participei junto com a atriz Sara Vá Moreira da ação #SalveoCineTeatro, dentro da Bienal do Livro de Contagem.



Fonte: (Arquivo pessoal)

⁴ O Fórum Popular de Cultura (FPC) é um movimento criado pelos artistas independentes da cidade de Contagem, com o objetivo de criar uma articulação coletiva para discutir e reivindicar pautas culturais.

Sabendo que a cidade não possuía teatro físicos resolvemos transformar o

pátio da escola em um grande palco, para isso propus que os(as) estudantes-atores investigassem o espaço teatralmente, ressignificando-o local e jogando com a arquitetura. Durante este exercício uma aluna gritou de longe “PROFESSORA ACHEI O CINE TEATRO”. Em fração de segundos fomos correndo até ela e no primeiro momento não acreditei no que estava vendo, este tempo todo ministrava aulas debaixo do prédio do Cine Teatro Tony Vieira, quando abrimos as portas do final do corredor demos de cara com o palco e uma plateia gigantesca. O teatro era enorme e estava caindo aos pedaços realmente. Naquele momento sabia que aquilo não era qualquer coisa, pois como sou artista da cidade frequentava as lutas do movimento #SalveoCineTeatro e diversas vezes observei os artistas tentando criar estratégias de ocupação desse espaço e, de repente, eu estava dentro dele com mais 16 jovens atores.

Voltamos para a sala de aula e conversamos sobre a importância daquele Teatro para a cidade e como o descaso do poder público perante os planos culturais nos afetava diretamente, pois éramos para estarmos indo assistir obras artísticas com nossas famílias neste lugar sem precisar atravessar a cidade e ir para Belo Horizonte, por exemplo.

Durante as discussões, o coletivo resolveu apresentar a cena final do espetáculo dentro do Cine Teatro, como uma maneira de trazer a discussão para o público, em assembleia entenderam que seria um ato político ocupar o prédio com um espetáculo de teatro. Após essa conversa fui falar com minha coordenadora sobre a cena final do espetáculo acontecer dentro do teatro e no mesmo instante ela banuiu a ideia, disse que era uma questão política maior do que podíamos imaginar, expliquei para ela todo o contexto e mesmo assim fomos censurados. Voltei para a sala de aula frustrada e contei para os(as) estudantes que a ideia tinha sido barrada, porém eles e elas não aceitaram e falaram que iriam ocupar.

Diante dessa situação me vi desorientada, pois enquanto agente política, artista, professora engajada não poderia barrar uma ação de suma importância para as reivindicações da sociedade civil, em contra mão poderia ser demitida do meu emprego, por fim decidi confiar nos estudantes e votei a favor da ocupação.

Em 2016 participei enquanto secundarista das ocupações contra a PEC que congelava os investimentos públicos para a educação e saúde, participei também da ocupação #FicaValores que exigia a continuidade do Programa Valores de Minas

durante a minha formação teatral tive contato com os movimentos de ocupação e de luta para a reivindicação dos nossos direitos enquanto cidadão, dessa forma, quando vi que os e as alunos(as) do curso, no qual era Professora, queriam fazer uma manifestação não poderia negligenciar.

Sendo assim, a partir dessa decisão tomada em assembleia, tínhamos acrescentado mais um elemento no espetáculo, portanto, para ligar as narrativas já criadas com o espaço a estudante Hanna Rodrigues propôs que criássemos uma cena/manifesto para o momento de entrada no Cine Teatro, a ideia era falar sobre o contexto histórico, cultural e social do lugar.

Em meio a muitas pesquisas, Hanna que se mostrou dedicada e afetada com o descanso com o teatro criou o manifesto “A voz do palco” que vamos ler a seguir,

“Eu fico aqui em cima olhando lá pra baixo, toda terça-feira sempre rola um teatro, fico vendo o povo usar o espaço e me dá uma inveja danada daquele palco de alvenaria feito lá embaixo, mas ele que tá certo a gente é feito para ser usado. E enquanto isso eu to aqui fechado, me lembro com saudade do tempo que fui desejado era século XIX e eu era só um espaço, mas os artistas já me visitavam e o povo trazia vela e lamparina tamanha era a sede de arte que eles tinham, em 1964 o que eu era foi melhorado, pelo povo que me amava fui renovado e por muito tempo aproveitado e há como eu gosto de ser usado. Até que as coisas mudaram e já não fui mais usado, cadê o povo que me amava?

Depois que fui fechado já nem fui falado, de vez em quando só, sou lembrado. Era 2001 meu número 10806 me lembro até do mês, era maio, me lembro bem daquele dia. Cheguei até a comemorar com a igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição o número dela 10446 veio até antes do meu. A dona “Casa de Cacos” de número 10445 também estava lá enaltecendo-se do que o presidente Juscelino Kubitschek escreveu sobre ela. Espera! Até me lembro, afinal eu sou um teatro, o presidente disse: “Meu caro amigo Carlos, ao visitar a sua Casa de Cacos, quando aí passei, galvanizou-me o coração sentimental e alma tornou-se imensamente inefável pela elevada beleza inaudita que veio encantar-me, deixando-me profundamente sensibilizado.” Eu estava orgulhoso, eu também não seria esquecido meu número dizia que eu não devia ser abandonado, mas sim conservado tal qual fui criado.

Há! Naquele dia, igual a cada espetáculo, também senti um orgulho danado. Hoje meu coração tá apertado, olhem para mim eu tô caindo aos pedaços e eu que achei que seria

O texto compôs a dramaturgia do espetáculo e foi encenada no corredor que dava para a entrada do teatro.

A partir dessa descoberta os(as) educandos ficaram bem mais engajados com o espetáculo, parece que tinha ganhado um sentido concreto para a apresentação. Outra coisa que observei a partir das conversas foi que a galera estava bem mais engajada com as pautas sobre a cidade, uma aluna relatou que estava se sentindo verdadeiramente pertencente e começou a frequentar os espaços culturais e a pesquisar sobre as políticas locais.

Sobre esta aproximação do(a) estudante com os espaços, Cabral (2012) reflete que “o lugar é visto como fundamental ao expressar um sentido de pertencer (pertencimento) para aqueles que nele vivem e é visto também como provedor de um *locus* para a identidade – pessoas não vivem dentro de um enquadramento de relacionamentos geométricos, mas sim em um mundo de significados.” (CABRAL, Beatriz Ângela Vieira, 2012, p. 18)

Neste sentido, a partir do momento que o agrupamento compreendeu o sentido da grandeza do que eles e elas estavam se propondo a fazer, os mesmos viram significados que ultrapassam a criação teatral, como a transformação social.

O coletivo então começou a se organizar para prestigiar os eventos artísticos na cidade, certa vez a turma foi no "Apoema", um sarau criado pelos artistas independentes da cidade, neste sarau eles apresentaram seus manifestos e convidaram as pessoas para assistir à peça, fazendo assim a mediação do público que iria prestigiar o espetáculo.

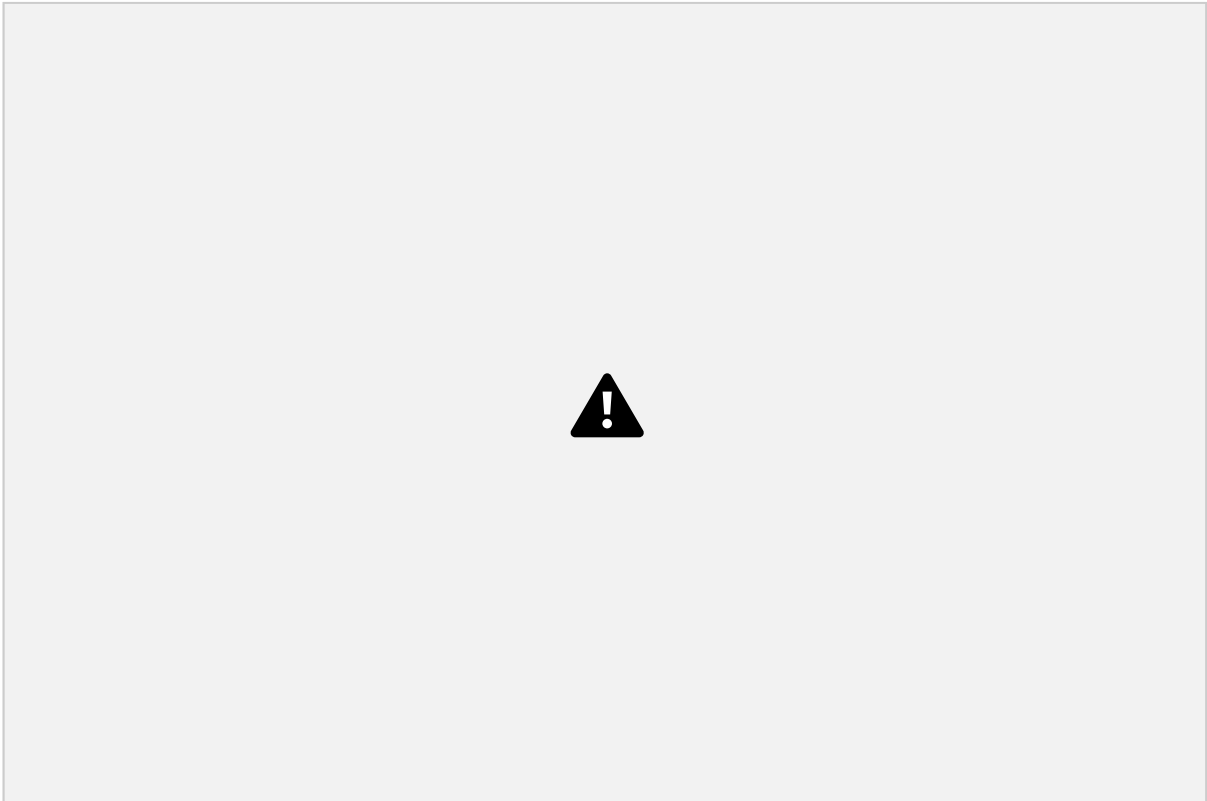
Dessa maneira, estava tudo encaminhado para o grande dia da estreia, porém faltava um nome para o coletivo, do espetáculo, os materiais de divulgação e a iluminação. A escolha do nome aconteceu em um dia que estávamos na praça ensaiando, os estudantes começaram a discutir sobre todo o processo de montagem, a criação dos manifestos individuais e deram conta de que cada um estava colocando em cena algo pessoal que remetia a sua identidade.

Dessa forma, resolveram que o coletivo iria chamar “RG”, pois trazia a ideia de identidade, indivíduo social e coletivo. O nome do espetáculo foi escolhido coletivamente e depois de longas discussões encontramos um nome que fazia

como no teatro não fazemos nada sozinhos, pedi a artista, *videomaker* e minha amiga de faculdade Vitória Viviane para criar uma arte visual e um vídeo de divulgação, e por fim, a iluminação ficou por conta do artista contagense Gabriel Vinicius que criou a mesma com caixa de papelão.

No Espaço das Artes aconteciam aulas de violino no mesmo horário que as aulas de teatro, quando estava acontecendo os ensaios a turma da aula de música saía de sala para observar. Certo dia estávamos criando uma cena e senti que faltava sonoridade, foi quando pedi a uma das alunas do curso de violino para participar da composição da cena e ela aceitou feliz.

Tendo em vista todo este relato da criação do espetáculo "A voz que ecoa" podemos observar como a ação teatral mobiliza diversas áreas, provoca transformações, sendo assim sua complexidade precisa ser valorizada enquanto área de conhecimento plural e de suma importância para o desenvolvimento humano. Teatro não é qualquer coisa!



Fonte: (Fotografia de Jéssica Caroline)

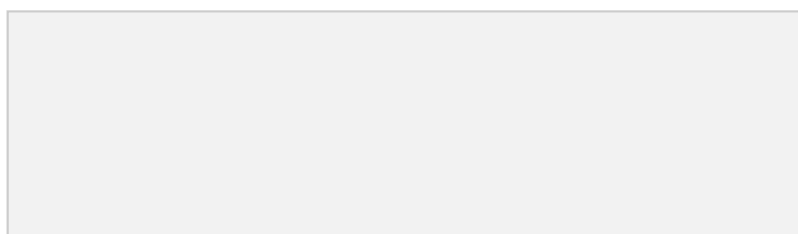
No dia 18 de dezembro de 2019, às 19h, o espetáculo “A voz que ecoa - experimentos em torno de um teatro manifesto” NASCEU. Na plateia tinham mais de 150 espectadores, dentre eles, familiares, amigos, agentes culturais e artistas locais.

O prólogo do início do espetáculo acontecia na parte de fora, ao final abríamos as portas da escola e as musicistas com os violinos começavam a tocar e simultaneamente acontecia uma cena na rampa de entrada que era iluminada com lanternas. Depois o público ia para o centro do pátio e a maioria das cenas acontecia naquele espaço. Após o manifesto da aluna Carla que falava sobre sua força de viver após ter sofrido um Acidente Vascular Cerebral (AVC), os e as atores convidam o público para ir até o corredor que liga a escola com o Teatro,(o público não sabia sobre a cena da ocupação) na porta do Cine Teatro, Hanna, Sarah e

49

Gabriel encenavam o manifesto “A voz do palco” e caminhava com a plateia para dentro do Cine Teatro que estava caindo aos pedaços.

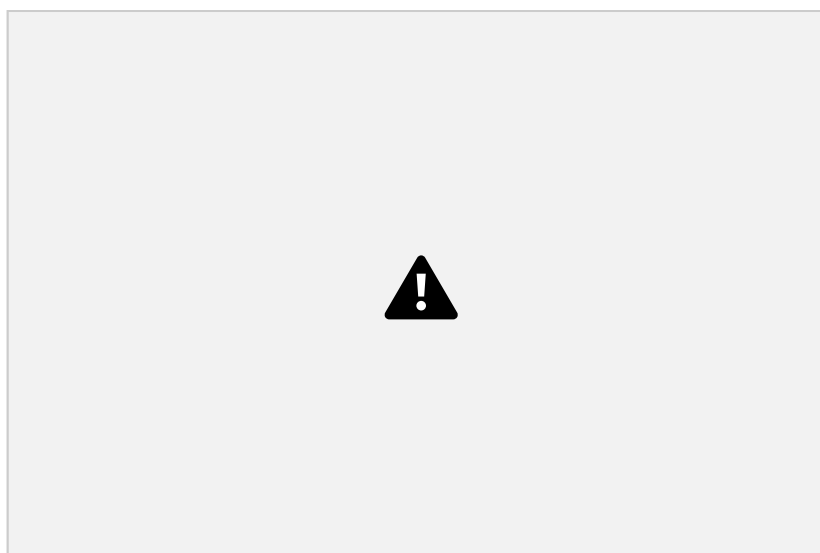
Figura 15:
Registro da



cena-manifesto “A voz do palco” que aconteceu no corredor que liga o Espaço das Artes com o Cine Teatro.

Fonte: (Fotografia de Jessica Caroline⁵)

Figura 16: Registro do público no corredor.



Fonte: (Fotografia de Jessica Caroline)

⁵ Jessica Caroline é uma artista independente da cidade e fez os registros fotográficos do espetáculo “A voz que ecoa” sem cobrar nada, ela acreditou na proposta e somou muito, sou extremamente grata pelo seu olhar afetuoso.

O coração nesta hora estava saindo pela boca, os atores guiavam as cenas com maestria e precisão, dentro do Cine Teatro a artista contagense Daniela Graciere⁶, que tinha ido prestigiar o espetáculo, começou a manifestar dizendo: “Ocupa tudo” e “Salve o Cine Teatro”, foi uma experiência única!

Neste momento aconteceu o que Boal nomeou de transformação do espectador em “espect-ator”, no qual o mesmo incentivado pela ação teatral sai do lugar da passividade e ocupa o lugar de protagonista da transformação social.

Por fim, Daiana, atriz-estudante, finaliza o espetáculo encenando o último manifesto e juntamente com os outros atores cantavam a música “O que é, o que é?” do músico e compositor Gonzaguinha. Dessa maneira, a fim de provocar uma sensibilização maior ao leitor transcrevo este manifesto o final da dramaturgia.

“Todes sobem no palco:

Daiana: Em meio ao caos e a barbárie, precisamos ocupar os espaços públicos, ocupar as ruas, ocupar os nossos teatros, as salas de aulas, ocupar com afeto, resistência e luta. Ocupar com a sensibilidade e coragem de uma criança. Ocupa tudo!

(Cantando) Eu fico com a pureza

Da resposta das crianças

É a vida, é bonita

E é bonita

(Todes cantando com coragem)

Viver

E não ter a vergonha

De ser feliz

Cantar e cantar e cantar

A beleza de ser

Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!

Eu sei, eu sei

Que a vida devia ser

Bem melhor e será

⁶ Daniela Graciere é artista contagense, sendo uma das fundadoras do Fórum Popular de Cultura (FPC) do movimento #SalveoCineTeatro.

Mas isso não impede

Que eu repita

É bonita, é bonita

E é bonita

Todes: Salve o cine Teatro.

(Atores e atrizes saem do teatro levando o público e no final passam o chapéu)

FIM!”

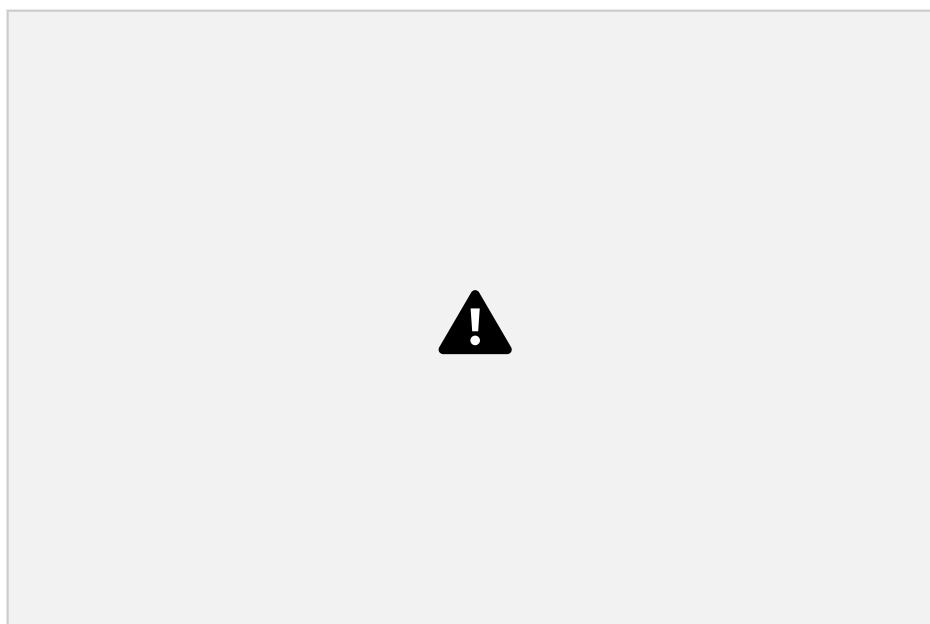
Durante os agradecimentos recebemos 10 minutos de palmas sem parar, muitos choros, sorrisos e o sentimento de missão cumprida preencheu nossos corpos.

A estreia aconteceu de uma forma única, política e teatral, sem recursos, porém com muito desejo de fazer acontecer e de fazer nossas vozes ecoarem pelas ruas, praças, becos e teatro da cidade de Contagem.

Importante salientar que essas vozes ecoaram, pois estava sendo valorizada e construída dentro da pedagogia teatral alinhada com a pedagogia da autonomia e da liberdade de Paulo Freire. A Pedagogia do Teatro é uma ação transformadora, me transformou e segue transformando todes que vivenciam esta arte.

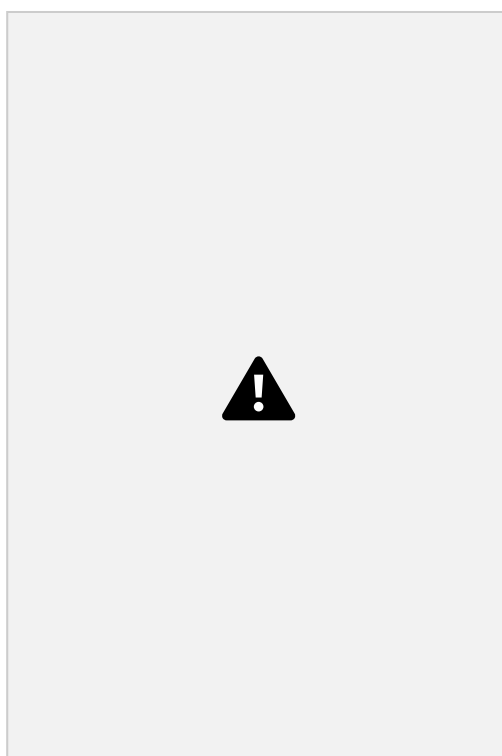
Os jovens atores realizaram o desejo de subir no palco e a jovem professora se sentiu ATRIZ-PROFESSORA DE TEATRO naquele instante e PROMETEU nunca mais parar.

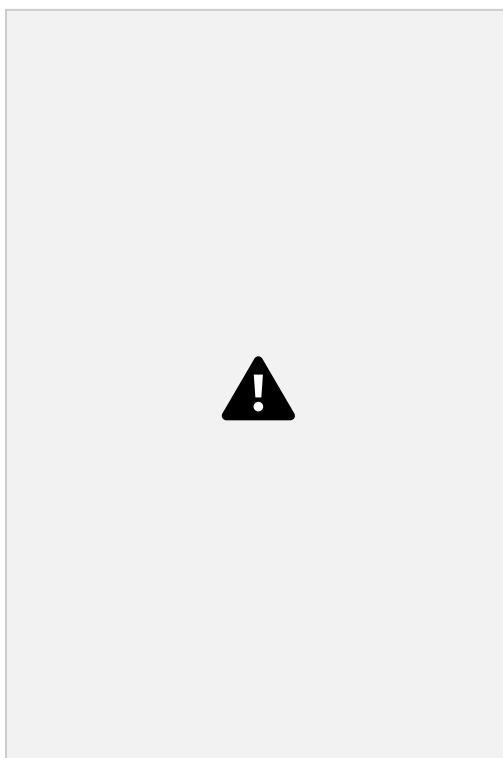
Figura 17: Segundos antes da estreia, momento em que demos o grito
“MERDA” para desejar boa sorte ao espetáculo.



Fonte:(Fotografia de Jéssica Caroline)

Figura 18: Cena dentro do Cine Teatro.

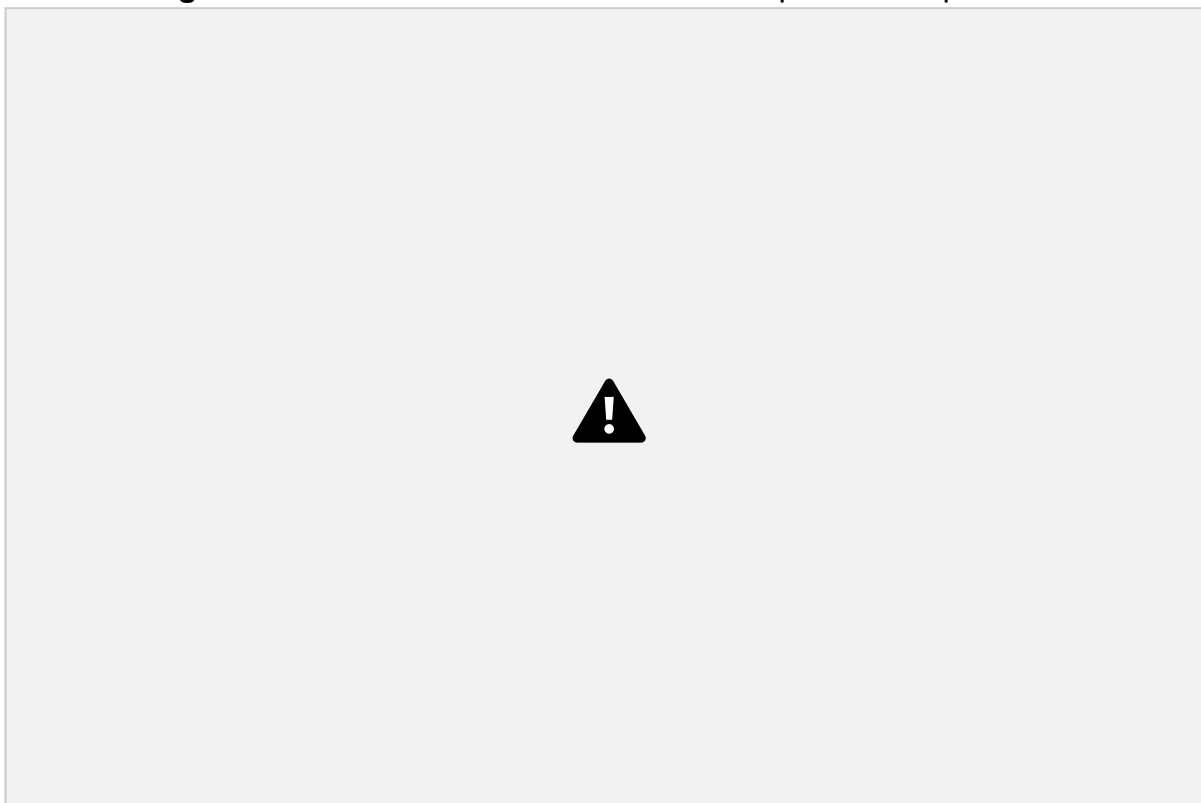




Fonte: (Fotografia de Jéssica
Caroline)

53

Figura 19: As atrizes e atores recebem os aplausos do público.



Fonte: (Fotografia de Jéssica Caroline)

Considerações finais.

Finalizar este TCC pelo viés da pesquisa crítica, engajada e afetuosa, percorrendo sobre uma experiência que foi de suma importância para a minha formação artística e docente me enche de felicidade e um sentimento de realização preenche o meu corpo.

Minha mamãe sempre brinca que o teatro estragou a minha vida, ela repete essa frase diversas vezes quando estamos em alguma discussão, ou até mesmo quando estamos conversando sobre os processos da vida. No início achava um pouco ofensiva, pois, como que algo que me modificou me estragou ao mesmo tempo?

Hoje, após oito anos vivenciando o fazer teatral, concordo plenamente com ela, o TEATRO estragou minha vida, no sentido de me tirar do lugar da passividade, da falta de autoestima, me fez questionar as caixinhas que estava inserida e me incentivou a quebrar com todos os cadeados que trancavam os meus armários, com carinho percebo que existe uma Gabriela antes e depois de ingressar no curso de Teatro.

Dessa forma, quando decidi tornar essa “transformação” numa profissão, sabia que para além dos palcos desejava compartilhar os ensinamentos que me estragaram com outras pessoas, foi quando a licenciatura se tornou um desejo.

Neste sentido, acredito que esta metodologia de pesquisa cria espaços para a gente se “estragar” um pouco, sendo que diversas vezes durante o processo de escrita me emocionei, pois recordar e relatar os atravessamentos vivenciados em uma sala de aula é valorizar toda a troca educacional e artística que acontece nestes locais. Logo é uma maneira de deixar vivo as afetações entre uma atriz-professora e uma turma de adultos onde a cidade é o que nos une, buscando proporcionar ao leitor, referências didáticas e metodológicas de como o ensino-aprendizado em Teatro pode provocar emancipação política e cultural de todo um agrupamento.

Portanto, esta monografia se faz necessário, pois o processo transformador vivenciado em 2019 ultrapassou a cidade, e hoje em 2022, seis estudantes que tiveram o primeiro contato com o teatro no Espaço das artes decidiram continuar estudando e se profissionalizando, sendo que três ingressaram na graduação em

teatro pela UFMG e os outros quatro alunos ingressaram no curso de capacitação profissional em Artes Cênicas em Contagem.

Agora os alunos e alunas estão alçando voos maiores e a professora-artista morre de orgulho e amor.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. **A metodologia triangular: História da Arte, leitura da obra e o fazer artístico**. In.: A Imagem no Ensino da Arte. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo. Ed.unesp. 2008
- BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro. 13ªed. Civilização Brasileira, 1997.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Edições Sesc São Paulo e Cosac Naify. 2015.
- CABRAL, B. A. **Avaliação em Teatro: Implicações, problemas e possibilidades**. Sala Preta, , 213-220. 2002.
- CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. **Teatro em trânsito: a pedagogia das interações no espaço da cidade**. São Paulo: Hucitec, 2012.
- DE PAULA, Júlia Camargos et al. **Teatro que fica: sentidos atribuídos por jovens à sua experiência de formação teatral**. 2020.
- DIMAS, Maria Luiza de Oliveira. **A ANCESTRALIDADE NO PROCESSO CRIATIVO TEATRAL: A IMPORTÂNCIA DA IDENTIDADE CULTURAL NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL ARTÍSTICA**. 2022
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo. Ed Paz e Terra, 2019.
- FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho de. **História de vida, projeto artístico e Teatro na escola: o PIBID Teatro na UFMG**. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 17, n.35, p.49-62,set./dez. 2016

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** - Coleção Cultura Negra e Identidade, 3 ed. rev.amp - Belo Horizonte. Autêntica editora, 2019

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- 2. ed.- São Paulo, Editora Martins Fontes, 2017.

KOUDELA, 2011 KOUDELA, Ingrid Dormien. **A nova proposta de ensino do teatro. Sala preta**, v. 2, p. 233-239, 2002.

LÍRIO, Vinicius da Silva. **Criar, performar, cartografar: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinadas do teatro e da arte** - 1. ed.- versão *ebook* – Curitiba: Appris, 2020.

MUNIZ, Mariana de Lima. **Improvisação como espetáculo: processo de criação e metodologias de treinamento do ator-improvisador.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2013

TOLENTINO, Luana. **Outra Educação é Possível: Feminismo, Antirracismo e Inclusão em Sala de Aula.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018 .

VIGANÓ, Suzana Schmidt. **As regras do jogo: a ação sociocultural em teatro e o ideal democrático.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; PARK, Margareth Brandini;

FERNANDES, Renata Sieiro. **Educação não-formal: um conceito em movimento.**

<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/000459.pdf>

f Acesso em 10/08/2022.